



Cursos de Especializações

Especialista em Assessment

CURSO DE ESPECIALISTA EM ASSESSMENT

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Saint Hill Manor, East Grinstead, Sussex

CARTA POLÍTICA DO HCO DE 3 DE NOVEMBRO DE 1980

EMISSÃO I

Policopiar
Todas as Orgs
Tech/Qual

CHECKSHEET DO

CURSO DE EXERCÍCIOS DE ASSESSMENT

NOME: _____ ORG: _____

DATA DE COMEÇO: _____ DATA DE COMPLETAÇÃO: _____

PROpósito: TREINAR UM AUDITOR A SER CAPAZ DE FAZER UMA PERGUNTA QUE CONSEGUIRÁ UMA RESPOSTA E A FAZER O ASSESSMENT DE LISTAS PREPARADAS E CONSEGUIR LEITURAS PRECISAS.

- REQUISITOS:**
- a) Manual Básico de Estudo ou Chapéu do Estudante.
 - b) Curso de TRs Profissionais (ou um passe completo em TRs Profissionais de Auditor de 0 a 4 numa secção de TRs de uma checksheet de treino de auditor devidamente autorizada.)
 - c) Um Curso de Doutrinação Superior.
 - d) Curso do E-Meter Hubbard (ou equivalente Ok de Qual Para Operar Um E-Meter).
 - e) Treino de auditor até ao Nível de Classe IV ou acima é aconselhado, mas não obrigatório.

DURAÇÃO DO CURSO: 4 dias.

TECH DE ESTUDO: Este curso é estudado segundo a HCO PL 25 Set 79 I, URGENTE - IMPORTANTE, ALINHAMENTO DE ESTUDO BEM SUCEDIDO, com uso total da Tech de Estudo.

CERTIFICADO: Quando completa este curso o estudante recebe o certificado de:

ESPECIALISTA DE ASSESSMENT

NOTA: A COMPLETAÇÃO DESTE CURSO NÃO QUALIFICA EM SI UMA PESSOA COMO AUDITOR PROFISSIONAL.

SECÇÃO UM

- | | | |
|--|----------------------------------|-------|
| 1. HCO PL 7 Fev. 65 | Série KSW Nº1 | |
| Corr e Reemit
12.10.85 | MANTER A CIENTOLOGIA A FUNCIONAR | _____ |
| 2. HCO PL 17 Jun. 70RB | Série KSW Nº5R | |
| Re-rev 25.10.83 | DEGRADAÇÕES TÉCNICAS | _____ |

3. DEMO: Como os dados nas duas HCO PLs acima se aplicam a tu
fazeres este curso

4. [HCOB 21 Ago 79](#) ACÃO DE PARCEIROS

(Se ainda não tens um parceiro a este ponto da checksheet, consulta o supervisor de curso e estabelece quem é o teu parceiro, e começa a trabalhar com ele.)

SECÇÃO DOIS

1. REVISÃO: [O LIVRO DE EXERCÍCIOS DO E METER](#)

2. [HCOB 7 Fev. 79R](#) EXERCÍCIO DO E METER 5RA
Rev. 15.2.79

3. EXERCÍCIO: Exercício do E Meter 5RA

4. EXERCÍCIO: Exercício do E Meter CR0000-4

5. EXERCÍCIO: Exercício do E Meter 27

6. CONDICIONAL: SE NESTA ALTURA, OU A QUALQUER PONTO
POSTERIOR NESTE CURSO, SE TORNAR EVIDENTE QUE O
ESTUDANTE TEM QUAISQUER INCERTEZAS EM MANEJAR OU LER UM
E-METER, ELE VOLTA A FAZER O LIVRO DE EXERCÍCIOS DO E-METER
INTEIRO, INCLUINDO O EXERCÍCIO EM CR0000-3 CONFORME
NECESSÁRIO, ATÉ TER A CERTEZA DE QUE É CAPAZ DE MANEJAR E
LER UM E-METER.

SECÇÃO TRÊS

1. Procura a definição de "ASSESSMENT"
no Dicionário Técnico

2. [HCOB 22 Jul. 78](#) TRs DE ASSESSMENT

3. DEMO: Com o teu demo kit mostra a diferença
entre TRs regulares e TRs de Assessment

4. [HCOB 22 Abr. 80R](#) EXERCÍCIOS DE ASSESSMENT
Rev. 26.7.86 Do princípio até ao fim do TR 1-Q1

5. EXERCÍCIO: TR 1Q-1 (exatamente conforme instruído no HCOB 22
Abr. 80R)

6. [HCOB 5 Abr. 73](#) AXIOMA 28 EMENDADO
Reemit & Reinst. 25.5.86

7. DEMO COM PLASTICINA: As partes da comunicação segundo o
AXIOMA 28 EMENDADO

8. HCOB 22 Abr. 80R EXERCÍCIOS DE ASSESSMENT
Rev. 26.7.86 Secção do TR 1-Q2

9. EXERCÍCIO: TR 1Q-2 (exatamente conforme instruído
no HCOB 22 Abr. 80R ASSESSMENT)

10. HCOB 22 Abr. 80R EXERCÍCIOS DE ASSESSMENT
Rev. 26.7.86 Secção do TR 1Q-3

11. EXERCÍCIO: TR 1Q-3 (exatamente conforme instruído
no HCOB 22 Abr. 80R)

12. [HCOB 6 Dez 73](#) Série C/S Nº90
O FRACASSO PRIMÁRIO

13. HCOB 28 Fev. 71	Série C/S Nº24 UTILIZAÇÃO DO E-METER EM ITENS COM LEITURA	_____
14. DEMO COM PLASTICINA:	Faz uma demonstração com plasticina de todos os pontos onde uma leitura válida pode ocorrer num pergunta ou num item	_____
15. HCOB 22 Abr. 80R	EXERCÍCIOS DE ASSESSMENT Rev. 26.7.86 Secção do TR 1Q-4	_____
16. EXERCÍCIO: TR 1Q-4	(exatamente conforme instruído no HCOB 22 Abr. 80R)	_____
17. Procura a definição de "TOM 40"	no Dicionário Técnico	_____
18. DEMO: Tom 40		_____
19. HCOB 22 Abr. 80R	EXERCÍCIOS DE ASSESSMENT Rev. 26.7.86 Secção do TR 8-Q	_____
20. TR 8-Q	(exatamente conforme instruído no HCOB 22 Abr. 80R)	_____
21. Procura no Dicionário Técnico: " TIPOS DE ASSESSMENT":		
a) MÉTODO 3		_____
b) MÉTODO 5		_____
22. DEMO: A diferença entre M3 e M5		_____
23. HCOB 15 Out 73RB	Série C/S Nº87RB Re-rev 4.12.78 ANULAR E LEVAR ATÉ F/N LISTAS PREPARADAS	_____
24. ENSAIO: O que faz com que alguns auditores tenham listas que "não têm leituras"		_____
25. HCOB 4 Dez 78	COMO LER ATRAVÉS DE UMA F/N	_____
26. EXERCÍCIO: Ler através de uma F/N, usando o	HCOB 4 Dez 78 e as Listas Preparadas	
	no LIVRO DE EXERCÍCIOS DO E METER	_____
27. HCOB 22 Abr. 80R	EXERCÍCIOS DE ASSESSMENT Rev. 26.7.86 Secção do TR 4/8-Q1	_____
28. EXERCÍCIO: TR 4/8-Q1	(exatamente conforme instruído no HCOB 22 Abr. 80R)	_____
29. Procura a definição de "LISTAR E ANULAR"	no Dicionário Técnico	_____
30. HCOB 1 Ago 68	AS LEIS DE LISTAR E ANULAR	_____
31. DEMO: Cada uma das leis de Listar e Anular		_____
32. HCOB 11 Abr. 77	CORREÇÃO DE ERROS DE LISTAS	_____
33. HCOB 22 Abr. 80R	EXERCÍCIOS DE ASSESSMENT Rev. 26.7.86 Secção do TR 4/8-Q2 até ao fim do sumário	_____
34. EXERCÍCIO: TR 4/8-Q2	(exatamente conforme instruído no HCOB 22 Abr. 80R)	_____

SECÇÃO QUATRO

1. [HCOB 14 Mar 71R](#) LEVA TUDO ATÉ F/N
Rev. 25.7.73

2. **EXERCÍCIO:** Faz o assessment da L1C M3
com uma boneca (não provocado) _____
3. **EXERCÍCIO:** Faz o assessment da L1C M3
com uma boneca (provocado) _____
4. **HCOB 23 Jul. 69** **POLÍTICAS DE ATRIBUIÇÃO**
DE AUDITORES _____
5. Se fores um auditor classificado, descobre um membro do staff ou estudante que tenha um C/S para uma lista de correção. Maneja-a até F/N VGIs
(O EP disto é quando tiveres feito um mínimo de 3 sessões VWD e tiveres a certeza de que podes fazer com precisão o assessment de uma lista e podes corrigir um caso até à tua classe.) _____
- (NOTA: Se não conseguires achar nenhum membro do staff ou estudante sobre o qual possas fazer um lista de correção, então consulta o Registador de Quebras de ARC e consegue o nome de uma pessoa que precise de uma sessão de Quebra de ARC gratuita.) _____

COMPLETAÇÃO DE CURSO DO ESTUDANTE

A. COMPLETAÇÃO DO ESTUDANTE: Eu completei os requisitos desta checksheet e sei que posso aplicar os dados nos materiais.

ATESTAÇÃO DO ESTUDANTE:_____ DATA:_____

Eu treinei este estudante ao melhor das minhas capacidades e ele/ela completou os requisitos desta checksheet e sabe que pode aplicar os dados nos materiais.

ATESTAÇÃO DO SUPERVISOR:_____ DATA:_____

B. ATESTAÇÃO DO ESTUDANTE A C&A: Eu atesto que a) me inscrevi corretamente no curso, b) paguei pelo curso, c) eu estudei e comprehendo todos os materiais desta checksheet, d) fiz todos os exercícios nesta checksheet, e) posso produzir os resultados requeridos nos materiais do curso.

ATESTAÇÃO DO ESTUDANTE:_____ DATA:_____

ATESTAÇÃO DE C&A:_____ DATA:_____

C. CERTIFICADOS E RECOMPENSAS

O estudante recebe o certificado de:

ESPECIALISTA DE ASSESSMENT

C & A:_____ DATA:_____

(Enviar este impresso para o Admin de Curso para arquivar na pasta do estudante.)

LRH:bk

Trad RMF:RMF:rmf

Autorizada por

I/A Off CLO EU

Copyright 1980 por L. Ron Hubbard.

Tradução Copyright 1987 por L. Ron Hubbard Library.

Reservados todos os direitos.

L. RON HUBBARD

Fundador

SECÇÃO UM

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
SOLAR DE ST. HILL, GRINSTEAD ORIENTAL, SUSSEX,
HCOPL DE 7 DE FEVEREIRO DE 1965

Reem. 15 Jun. 70, 28 Jan. 1973

Reem. 27 Ago. 1980

Corrigida e Reemit. 12 Out. 1985

MANTER A CIENTOLOGIA A FUNCIONAR

Nota: A negligência desta Carta Política causou grandes dificuldades ao pessoal, custou milhões sem fim e tornou necessário em 1970 entrar num esforço internacional total para restaurar a Cientologia básica pelo mundo inteiro. Cinco anos após a emissão desta PL, comigo fora das linhas, a sua violação quase destruiu as Orgs. Apareceram "Graus à pressa" e negaram ganhos a dezenas de milhares de casos. Por isso, as ações que negligenciam ou violam esta Carta Política são ALTOS CRIMES, resultando em Comm-Evs sobre ADMINISTRADORES e EXECUTIVOS. Não é "inteiramente uma questão Técnica", pois a sua negligência destruiu as Orgs e causou uma recessão de 2 anos. Reforçá-la É O DEVER DE TODO O MEMBRO DO PESSOAL.

MENSAGEM ESPECIAL

A CARTA POLÍTICA SEGUINTE SIGNIFICA O QUE DIZ.

ERA VERDADE EM 1965 QUANDO EU A ESCREVI. ERA VERDADE EM 1970 QUANDO A MANDEI REEMITIR. ESTOU A REEMITI-LA AGORA, EM 1980, PARA MAIS UMA VEZ EVITAR DE NOVO DESLIZAR PARA UM PERÍODO EM QUE AÇÕES FUNDAMENTAIS DA CARTA DE GRAUS SÃO OMITIDAS E APRESSADAS NOS CASOS, NEGANDO ASSIM OS GANHOS E AMEAÇANDO A VIABILIDADE DA CIENTOLOGIA E DAS ORGS. A CIENTOLOGIA CONTINUARÁ A FUNCIONAR SÓ ENQUANTO VOCÊ FIZER A SUA PARTE PARA A MANTER A FUNCIONAR APPLICANDO ESTA CARTA DE POLÍTICA.

O QUE EU DIGO NESTAS PÁGINAS SEMPRE FOI VERDADE, É VERDADE HOJE, AINDA VAI SER VERDADE NO ANO 2000 E VAI CONTINUAR A SER VERDADE DAÍ PARA A FREnte.

NÃO IMPORTA ONDE VOCÊ ESTÁ EM CIENTOLOGIA, SE ESTÁ NO PESSOAL OU NÃO, ESTA CARTA POLÍTICA TEM ALGO A VER CONSIGO.

TODOS OS NÍVEIS

MANTER A CIENTOLOGIA A FUNCIONAR

Um Hat Check (afeição de função) é feito pelo Séc. do HCO ou Comunicador a todo o pessoal e todo o pessoal novo à medida que vai entrando.

Há já algum tempo que nós ultrapassámos o ponto em que atingimos uma tecnologia uniformemente funcional.

A única coisa agora é fazer aplicar essa tecnologia.

Se não consegue fazer aplicar a tecnologia, então você não consegue entregar o prometido. É tão simples como isso. Se você conseguir fazer aplicar a tecnologia, pode entregar o prometido.

A única coisa pela qual você pode ser criticado por estudantes ou Pcs é a "falta de resultados". Os apuros só ocorrem quando há "falta de resultados". Ataques de governos ou monopólios só ocorrem quando há "falta de resultados" ou "maus resultados".

Por isso o caminho diante da Cientologia é claro, e o seu sucesso último está assegurado se a tecnologia for aplicada.

Portanto, fazer aplicar a tecnologia correta é a tarefa do Secretário da Associação ou da Organização, do Secretário do HCO, do Supervisor de Caso, do Diretor de Processamento, do Diretor de Treino e de todos os membros do pessoal.

Fazer aplicar a tecnologia correta consiste de:

- Um: Ter a tecnologia correta.
- Dois: Saber a tecnologia
- Três: Saber que é correta.
- Quatro: Ensinar corretamente a tecnologia correta.
- Cinco: Aplicar a tecnologia.
- Seis: Assegurar-se de que a tecnologia é aplicada corretamente.
- Sete: Exterminar a tecnologia incorreta.
- Oito: Eliminar as aplicações incorretas.
- Nove: Fechar as portas a qualquer possibilidade de tecnologia incorreta.
- Dez: Fechar as portas à aplicação incorreta.

Um acima, tem sido feito.

Dois, tem sido atingido por muitos.

Três, é atingido pelo indivíduo que aplica a tecnologia correta de uma forma correta e observa que esta funciona dessa forma.

Quatro, está a ser feito diariamente com sucesso na maioria das partes do mundo.

Cinco, é consistentemente realizado no dia a dia.

Seis, é consistentemente atingido por instrutores e supervisores.

Sete, é feito por uns poucos, mas é um ponto fraco.

Oito, não é trabalhado com força suficiente.

Nove, é impedido pela atitude "razoável" daqueles que não devem muito à inteligência.

Dez, raramente é feito com suficiente ferocidade.

Sete, Oito, Nove e Dez são as únicas áreas em que a Cientologia se pode atolar em qualquer lugar.

As razões para isto não são difíceis de encontrar:

Uma certeza fraca de que funciona em Três acima pode levar a uma fraqueza em Sete, Oito, Nove e Dez.

Além disso, os que não devem muito à inteligência têm um ponto fraco no botão da Autoimportância.

Quanto mais baixo é o Q.I., mais o indivíduo é privado dos frutos da observação.

Os Fac-símiles de Serviço das pessoas fazem-nas defenderem-se contra qualquer coisa que confrontem, boa ou má, procurando tornar essa coisa errada.

O Banco procura eliminar o bem e perpetuar o mal.

Assim nós, como Cientologistas e como organização, temos que estar muito alerta com Sete, Oito, Nove e Dez.

Em todos os anos que eu estive ocupado com a pesquisa mantive as minhas linhas de comunicação completamente abertas para os dados de investigação. Em tempos tive a ideia de que um grupo poderia desenvolver algo de verdadeiro. Um terço de século desenganou-me totalmente dessa ideia. Disposto como eu estava a aceitar sugestões e dados, só uma mão cheia de sugestões (menos de vinte) tiveram valor de

longa duração e *nenhuma* era principal ou básica, e quando realmente eu aceitei sugestões principais ou básicas e as usei, nós despistámo-nos e eu arrependi-me e tive por fim que arcar com toda a humilhação.

Por outro lado, têm havido milhares e milhares de sugestões e notas escritas que, se fossem aceites e levadas a cabo, teriam resultado na destruição total de todo o nosso trabalho, bem como da sanidade dos Pcs. Portanto, eu sei o que é que um grupo de pessoas vai fazer e quanto insanas elas vão ficar quanto aceitarem a "tecnologia" não funcional. Segundo dados reais, a percentagem de possibilidades de um grupo de seres humanos imaginar má tecnologia para destruir uma boa tecnologia é de cerca de 100.000 para 20. Como conseguimos até hoje avançar sem sugestões, então é melhor fortalecer-nos para continuarmos a fazê-lo, agora que aqui chegámos. É claro que este ponto vai ser atacado como "impopular", "egoísta" e "não democrático". Pode muito bem ser. Mas também é um ponto de sobrevivência. E eu não vejo que as medidas populares, a auto abnegação e a democracia tenham feito alguma coisa pelo homem, a não ser empurrarem-no mais para a lama. Atualmente a popularidade aconselha novelas degradadas, a auto abnegação encheu as selvas do Sudeste Asiático de ídolos de pedra e cadáveres, e a democracia deu-nos a inflação e o imposto de rendimento.

A nossa tecnologia não foi descoberta por um grupo. Verdade seja dita que, se o grupo não me tivesse apoiado de muitas maneiras, eu também não a teria descoberto. Mas ainda assim, se nos seus estados de formação não foi descoberta por um grupo, então pode assumir-se facilmente que os esforços de um grupo não a acrescentarão nem a alterarão com sucesso no futuro. Eu só posso dizer isto agora que está feita. É claro que resta a classificação ou coordenação de grupo, daquilo que tem sido feito e que vai ser valioso, mas só enquanto não procurar alterar os princípios básicos e aplicações bem-sucedidas.

As contribuições que valeram a pena neste período de formação da tecnologia foram a ajuda na forma de amizade, de defesa, de organização, de disseminação, de aplicação, de conselhos sobre resultados e de finanças. Estas foram grandes contribuições, e foram e são apreciadas. Muitos milhares contribuíram desta forma e tornaram-nos no que nós somos hoje. A contribuição para a descoberta, contudo, não fez parte da cena geral.

Não vamos especular aqui porque é que isto foi assim, ou como é que eu consegui levantar-me acima do Banco. Só estamos a lidar com factos, e o que foi dito acima é um facto: o grupo, deixado aos seus próprios meios, não teria desenvolvido a Cientologia, tendo-a simplesmente destruído com estranhas dramatizações do Banco chamadas "novas ideias". A apoiar isto está o facto de que o homem nunca desenvolveu anteriormente uma tecnologia mental funcional. Prova disto é a tecnologia maligna que ele *realmente* desenvolveu: a psiquiatria, a psicologia, a cirurgia, o tratamento de choque, os chicotes, a dureza, a punição, etc., até ao infinito.

Portanto, compreendam que nós emergimos da lama por qualquer boa sorte e bom senso, e recusamo-nos a afundar-nos nela outra vez. Assegure-se de que Sete, Oito, Nove e Dez acima são seguidos inflexivelmente e nunca seremos parados. Relaxe, fique razoável acerca deles e nós pereceremos.

Até agora, embora mantivesse completa comunicação com todas as sugestões, não falhei em Sete, Oito, Nove e Dez nas áreas que eu pude supervisionar de perto. Mas não é suficientemente bom ser só eu e uns poucos a trabalhar nisto.

Sempre que este controlo segundo Sete, Oito, Nove e Dez foi relaxado, toda a zona organizacional falhou. Testemunhas disto são Elisabeth, N. J., Wichita, as primeiras organizações e grupos. Eles despenharam-se só porque eu deixei de fazer Sete, Oito, Nove e Dez. Depois, quando estavam todos baralhados, viram-se as "razões" óbvias do fracasso. Mas antes disso pararam de entregar e *isso* envolveu-os com outras razões.

O denominador comum de um grupo é o Banco Reativo. Thetans sem Bancos têm respostas diferentes. Eles só têm os seus Bancos em comum. Assim eles só concordam com princípios do Banco. O Banco é idêntico de pessoa para pessoa. Portanto, as ideias construtivas são *individuais* e só muito raramente conseguem concordância num grupo humano. O indivíduo tem que subir *acima* de uma ânsia de concordância da parte de um grupo humanoide, para fazer qualquer coisa decente. A Concordância-de-Banco foi o que tornou a Terra num Inferno (e se estava à procura do Inferno e encontrou a Terra, essa certamente que servirá). Guerra, fome, agonia e doença têm sido o destino do Homem. Neste momento, os grandes Governos da Terra desenvolveram os meios de "fritar" todos os Homens, Mulheres e Crianças deste planeta. Isso é Banco. Isso é o resultado da Concordância de Pensamento Coletivo. As coisas decentes e agradáveis deste planeta vêm de ações e ideias *individuais* que foram de alguma forma apanhadas pela Ideia do Grupo. Quanto a isso, olhe como nós próprios somos atacados pela "opinião pública" dos média. No entanto não existe grupo mais ético neste planeta do que nós próprios.

Assim, cada um de nós pode subir acima do domínio do Banco, e então, como grupo de seres libertos, atingir a liberdade e a razão. Só o grupo aberrado, a multidão, é destrutivo.

Quando não faz Sete, Oito, Nove e Dez ativamente, está a trabalhar para a multidão dominada pelo Banco. Pois esta de certeza que irá:

introduzir tecnologia incorreta e jurar por ela,
aplicar a tecnologia tão incorretamente quanto possível,
abrir a porta a qualquer ideia destrutiva e
encorajar a aplicação incorreta.

É o Banco que diz que o grupo é tudo, e que o indivíduo não é nada. É o Banco que diz que nós temos que falhar.

Portanto não jogue pura e simplesmente esse jogo. Faça Sete, Oito, Nove e Dez e eliminará do seu caminho todos os futuros espinhos.

Aqui está um verdadeiro exemplo em que um executivo superior teve que interferir porque um Pc estava a enlouquecer: Um Supervisor de Caso disse ao Instrutor 'A' para fazer o Auditor 'B' correr o Processo 'X' no Preclaro 'C'. O Auditor 'B' disse depois ao Instrutor 'A' que o processo "não funcionou". O Instrutor 'A' era fraco em Três acima e não acreditava realmente em Sete, Oito, Nove e Dez. Portanto o Instrutor 'A' disse ao Supervisor de Caso: "O Processo X não funcionou no Preclaro 'C'".

Bem, *isto* vai imediatamente contra cada um dos pontos de Um a Seis acima no Preclaro 'C', Auditor 'B', Instrutor 'A' e no Supervisor de Caso. Isto abre a porta à introdução de "nova tecnologia" e ao fracasso.

O que é que aconteceu aqui? O Instrutor 'A' não apertou o pescoço ao Auditor 'B'. Foi isso que aconteceu. Isto é o que ele *deveria* ter feito: ter agarrado no relatório do Auditor e olhado para ele. Quando um executivo superior neste caso o fez, descobriu aquilo que o Supervisor de Caso e o resto não tinham visto: que o Processo 'X' aumentou o TA do Preclaro 'C' para 25 divisões de TA na sessão, mas que perto do fim da sessão o Auditor 'B' fez Q&A com uma cognição e abandonou o Processo 'X' quando o TA ainda estava alto e desatou a correr um processo da sua própria autoria que quase enlouqueceu o Preclaro 'C'. Ao examinar isto, descobriu-se que o Q.I. do Auditor 'B' era cerca de 75. Descobriu-se que o Instrutor 'A' tinha grandes ideias sobre nunca se poder invalidar ninguém, nem sequer um lunático. Descobriu-se que o Supervisor de Caso estava "ocupado demais com o trabalho administrativo para ter tempo para casos reais".

Muito bem. Este é um exemplo demasiado típico. O *Instrutor* deveria ter feito Sete, Oito, Nove e Dez. Isto teria começado desta maneira. Auditor 'B': "O Processo 'X' não funcionou". Instrutor 'A': "Exatamente, o que é que *tu* fizeste mal?" Ataque instantâneo. "Onde é que está o teu relatório de sessão? Ótimo. Olha aqui, tu estavas a ter muito TA quando paraste o Processo 'X'. O que é que fizeste?" Então o Pc não teria quase enlouquecido e todos estes quatro teriam garantido a sua certeza.

No espaço de um ano tive quatro ocorrências *num* pequeno grupo em que o processo correto recomendado foi reportado como não tendo funcionado. Mas durante a revisão descobriu-se que cada um tinha: (A) aumentado o TA, (B) sido abandonado e (C) sido falsamente relatado como não funcional. Também, apesar deste abuso, em cada um destes quatro casos o processo recomendado e correto resolveu o caso. Ainda assim eles foram relatados como *não tendo funcionado!*

Existem exemplos semelhantes na instrução, e estes são de todos os mais mortíferos, pois cada vez que a instrução da tecnologia correta falha, então, o erro resultante, não sendo corrigido no auditor, vai perpetuar-se em cada Pc que esse auditor auditar daí em diante. Portanto Sete, Oito, Nove e Dez são ainda mais importantes num curso do que na supervisão de casos.

Eis um exemplo: Um louvor delirante é dado a um estudante que se estava a graduar "porque ele consegue mais TA nos Pcs do que qualquer outro estudante do curso!" São relatados números da ordem de 435 divisões de TA por sessão. Também isso está incluído no louvor: "É claro que a sua sessão modelo é deficiente, mas isto é um dom que ele tem".

Uma revisão cuidadosa é levada a cabo porque *ninguém* nos níveis de 0 a IV irá conseguir tanto TA assim com os Pcs. Descobre-se então que este estudante nunca tinha sido ensinado a ler o quadrante de TA do E-Metro! E não houve nenhum instrutor que tivesse observado o seu manejo do e-metro para descobrir que ele "ultra-compensava" nervosamente o TA, girando-o duas ou três divisões para lá do ponto onde este necessitava estar para colocar a agulha em "set". Portanto toda a gente estava pronta para atirar fora os processos standard e a sessão modelo, porque este estudante "conseguia um TA tão incrível". Eles só liam os relatórios e ouviam as fanfarronices, e nunca *olharam* para este estudante. Os Pcs estavam de facto a fazer ganhos ligeiramente abaixo da média, impedidos por uma sessão modelo tosca e processos mal

pronunciados. Assim, aquilo que estava a fazer os Pcs vencerem (a verdadeira Cientologia) estava escondido debaixo de um monte de desvios e erros.

Estou a lembrar-me dum estudante que estava a “*esquilar*” (desviar-se para práticas estranhas ou alterar a Cientologia) num curso da Academia e que, depois das horas do curso, andava a auditar outros estudantes na banda total usando um monte de processos não standard. Os estudantes da Academia estavam eletrizados com todas estas novas experiências e não foram rapidamente postos sob controlo. O próprio estudante nunca tinha aprendido os mecanismos Sete, Oito, Nove e Dez de forma a compreendê-los. Subsequentemente, este estudante impediu que outro *esquilo* fosse corrigido e a sua mulher morreu de cancro resultante de abuso físico. Um instrutor duro e inflexível nesse momento, poderia ter salvo dois *esquilos* e pouparado a vida a uma rapariga. Mas não, os estudantes tinham o direito de fazer o que mais lhes agradasse.

A *esquilagem* só aparece a partir da não compreensão. Normalmente a não compreensão não é da Cientologia, mas de um contacto anterior com alguma estranha prática humanoide que por sua vez não foi compreendida.

Quando as pessoas não conseguem obter resultados a partir *daquilo que elas pensam* ser a prática standard pode contar-se que *esquilarão*, nalguma medida. A maioria dos sarilhos nos dois últimos anos vieram de Orgs onde um executivo *não conseguia* assimilar a Cientologia correta. Quando se lhes ensinava Cientologia eles eram incapazes de definir termos ou de demonstrar exemplos de princípios. As Orgs onde eles estavam meteram-se em montes de sarilhos. E, pior ainda, isto não pôde ser corrigido facilmente porque nenhuma destas pessoas conseguia ou queria duplicar as instruções. Assim, deu-se um colapso em duas áreas, tendo sido diretamente descobertas na origem, falhas anteriores na instrução.

Portanto, a instrução correta é vital. O DdT e os seus Instrutores e todos os Instrutores de Cientologia têm que ser impiedosos a pôr Quatro, Sete, Oito, Nove e Dez eficazmente em ação.

Aquele estudante, por mais estúpido e impossível que pareça e sem utilidade para ninguém, pode ainda um dia vir a ser a fonte de incríveis sarilhos porque ninguém esteve suficientemente interessado em se *assegurar* que ele tinha compreendido a Cientologia.

Com aquilo que nós agora sabemos, não há nenhum estudante inscrito que não possa ser corretamente treinado. Como Instrutor, uma pessoa deveria estar muito alerta ao avanço lento, e virar pessoalmente os preguiçosos do avesso. Nenhum *sistema* o vai fazer, só você ou eu, com as mangas arregaçadas, podemos partir as pernas ao mau estudo, e só o podemos fazer com o estudante individual, nunca com uma classe inteira. Ele é lento, logo algo está altamente errado. Tome ações *rápidas* para corrigir isso. Não espere até à semana que vem. Nessa altura ele vai ter outras confusões agarradas. Se não os conseguir graduar apelando ao bom senso, gradue-os num tal estado de choque que eles vão ter pesadelos se contemplarem esquilagem. Depois a experiência vai gradualmente criar Três neles e eles vão *saber* que é melhor não andarem a apanhar borboletas quando deveriam estar a auditar.

Quando alguém se inscreve, considere que ele aderiu para toda a duração do universo. Nunca permita uma abordagem de "espírito aberto". Se eles vão desistir, deixe-os desistir depressa. Se eles se inscreveram, eles estão a bordo e se estão a bordo, estão aqui nos mesmos termos que nós, para morrer ou vencer na tentativa. Nunca os deixe ficarem indecisos quanto a serem Cientologistas. As melhores organizações da história têm sido organizações duras e dedicadas. Nunca nenhum grupo indeciso de dilettantes efeminados alguma vez fez alguma coisa. É um universo duro. O verniz social fá-lo parecer suave. Mas só os tigres sobrevivem, e mesmo *esses* passam um mau bocado. Nós vamos sobreviver porque somos duros e dedicados. Quando nós *realmente* instruímos alguém corretamente, esse alguém se torna cada vez mais um tigre. Quando nós instruímos indecisamente e temos medo de ofender, temos receio de impor, não transformamos os estudantes em bons Cientologistas e isso deixa toda a gente em baixo. Quando a Sra. Queque vem ter connosco para ser ensinada, transforme aquela dúvida vaga nos seus olhos num olhar brilhante, decidido e fixo, ela vai vencer e todos nós venceremos. Apaparique-a e todos nós morreremos um pouco. A atitude correta de instrução é: "tu estás aqui, portanto tu és um Cientologista. Agora vamos transformar-te num auditor especializado, aconteça o que acontecer. Antes queremos ver-te morto do que incapaz".

Alinhe isto ao contexto económico da situação e à falta de tempo adequado e verá a cruz que temos de carregar.

Mas não teremos que a carregar para sempre. Quanto maiores ficarmos, mais tempo e meios teremos para fazer o nosso trabalho. As únicas coisas que nos podem impedir de crescer tão rapidamente são as áreas de Um a Dez. Tenha-as em mente e seremos capazes de crescer, e depressa. E à medida que crescemos, as nossas grilhetas serão cada vez menores. Fracassar em manter Um a Dez fará com que *nós* cresçamos menos.

Portanto, o ogre que nos poderia comer não é o Governo nem são os Altos Sacerdotes. É a nossa possível falha de conservar e praticar a nossa tecnologia.

Um Instrutor, Supervisor ou Executivo *tem* que desafiar com ferocidade casos de "não funcionalidade". Eles têm que descobrir o que *realmente* aconteceu, o que *foi* percorrido, o que *realmente* foi feito, ou que não foi feito.

Se tiver Um e Dois, só consegue adquirir Três para todos assegurando-se de todo o resto.

Nós não estamos a jogar algum jogo menor em Cientologia. Não é algo engraçado para fazer à falta de melhor.

Toda a futura agonia deste planeta, todos os seus homens, mulheres e crianças e o seu próprio destino para os próximos triliões de anos sem fim, dependem daquilo que você fizer aqui e agora, dentro e com a Cientologia.

Esta é uma atividade altamente séria. Se fracassarmos em sair da armadilha agora, poderemos nunca mais voltar a ter outra oportunidade.

Lembre-se, esta é a primeira oportunidade para o fazermos em todos os infundáveis triliões de anos do passado. Não a perca agora porque parece desagradável ou antissocial fazer os pontos Sete, Oito, Nove e Dez.

Faça-os e nós venceremos.

L. RON HUBBARD

Fundador

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOPL DE 17 DE JUNHO DE 70R

Reemit.30 Ago.80

Rev.25 de Out.83

KSW Séries 5R

URGENTE E IMPORTANTE

DEGRADAÇÕES TÉCNICAS

Qualquer Folha de Controlo em uso ou guardada que contiver qualquer declaração degradante, tem que ser destruída e reemitida sem qualificação.

Exemplo: As Folhas de Controlo dos Níveis de 0 a IV de SH dizem: "A. Materiais de Informação. Esta seção é incluída como informação histórica, mas tem muito interesse e valor para o estudante. A maioria dos processos já não são usados, tendo sido substituídos por tecnologia mais moderna. Só se exige que o estudante leia estes materiais e se assegure que não deixa mal-entendidos". Este título cobre coisas como TRs, Op Pro by Dup!

A declaração é uma falsidade.

Estas Folhas de Controlo não foram aprovadas por mim, e todo o material dos Cursos da Academia e SH ESTÃO em uso.

Ações como esta deram-nos os "Graus à Pressa", criaram quebras de ARC com o exterior e degradaram os Cursos da Academia e de SH.

Uma condição de TRAIÇÃO, cancelamento de certificados ou despedimento e uma investigação total do passado de qualquer pessoa declarada culpada, serão ativados no caso de cometer os seguintes ALTOS CRIMES:

1. Abreviar um Curso oficial de Dianética e Cientologia de forma a perder qualquer parte da teoria dos processos ou eficácia do assunto.
2. Adicionar comentários ou instruções às Folhas de Controlo rotulando qualquer material de "informação" ou "já não usado" ou "velho" ou qualquer ação semelhante que resulte no estudante não saber, não usar e não aplicar os dados sobre os quais está a ser treinado.
3. Usar depois do dia 1 de Setembro de 1970 qualquer Folha de Controlo para qualquer curso que não seja autorizada por mim ou pela Unidade Internacional da Autoridade de Verificação e de Correção (AVC Int.).
4. (As Folhas de Controlo dos Hats podem ser autorizadas localmente segundo HCO PL 30 Set. 70 FORMATO DA FOLHA DE CONTROLO).
5. Não cortar de uma Folha de Controlo que, entretanto, continue em uso, quaisquer comentários como "histórico", "informação", "não usado", "velho", etc., ou DECLARÁ-LO VERBALMENTE AOS ESTUDANTES.
6. Permitir, sem sequer aconselhar ou avaliar, que um Pc ateste segundo a sua vontade mais de um Grau de cada vez.
7. Correr apenas um processo de um Grau inferior entre 0 e IV, quando o EP do Grau não foi atingido.

8. Não usar todos os processos de um nível quando o EP não foi atingido.
9. Gabar-se da rapidez de entrega numa sessão, como "Eu acabo o Grau Zero em 3 minutos", etc.
10. Encurtar o tempo de aplicação da audição por considerações financeiras ou de economia de pessoal.
11. Atuar de qualquer forma calculada para perder o uso da tecnologia de Dianética e Cientologia, impedir o seu uso ou encurtar os seus materiais ou a sua aplicação.

RAZÃO: Nas organizações considerou-se que a melhor forma de fazer os estudantes terminarem os seus cursos e processar os Pcs, é reduzir os materiais ou retirar processos dos Graus. A pressão exercida para acelerar as completações dos estudantes e dos Pcs foi erradamente resolvida simplesmente não entregando os serviços.

A maneira correta de apressar o progresso de um estudante é através do uso de Comunicação nos 2 Sentidos e da aplicação dos materiais de estudo.

A melhor maneira de realmente manejá-los Pcs é assegurar-se de que eles fazem cada nível completamente antes de irem para o seguinte e corrigi-los quando não o fazem.

O enigma do declínio da rede inteira de Cientologia no fim dos anos 60 é totalmente explicado pelas ações empreendidas para encurtar o tempo de estudo e de processamento, retirando materiais e suprimindo ações.

A solução para uma recuperação é o uso e a entrega da Dianética e Cientologia completas.

O produto de uma organização é o seguinte: estudantes bem treinados e Pcs auditados a fundo. Quando o produto desaparece, a organização faz o mesmo. E elas têm de sobreviver para bem deste planeta.

L. RON HUBBARD
Fundador

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,
HCOB DE 21 DE AGOSTO DE 1979

EMPARCEIRAR

(Cancela: BTB 16 Mar. 71MORAL
DO ESTUDANTE E DE CURSO,
EXAMES E TREINO DUROS).

Cancelamento de Emissões que Cancelam Emparceirar

Os BPLs e HCOBs seguintes que cancelaram emissões sobre parceiros ou que cancelaram ou suspenderam o sistema de parceiros em si, são agora cancelados.

1. HCOP 29 Jul. 72 II, TREINO EM FLUXO RÁPIDO escrito por Ajuda a Treino e Serviços. Apesar das emissões que ela cancelou se manterem canceladas, esta PL foi ela própria cancelada pela BPL 10 Out. 75 X CANCELAMENTO DE PLs 1972 e assim continua.
2. HCOP 31 Ago. 74 TREINO EM FLUXO RÁPIDO REINSTALADO que suspendia o treino ou exames por parceiros foi previamente cancelada e assim continua.
3. BPL 18 Out. 76RD, Rev. 10.9.78 URGENTE, IMPORTANTE. ALINHAMENTO DO TREINO VITORIOSO, que cancelava requisitos para treino ou exames de parceiros para a Academia, foi cancelada e substituída pela PL 25 Set. 79 I URGENTE, IMPORTANTE. ALINHAMENTO DO TREINO VITORIOSO.

AGORA JÁ NÃO HÁ BPLs OU PLs VÁLIDAS QUE CANCELEM OS PARCEIROS.

"Emparceirar" é pôr dois estudantes a par no treino sobre o mesmo assunto para trabalharem juntos os seus materiais.

Trata-se de uma inovação do treino da Cientologia. Foi usado durante anos com grande sucesso quando corretamente feito e como ação standard nos cursos de Cientologia.

Recentemente descobri um grande PORQUÊ atrás dos falhanços nos cursos. É que o sistema de parceiros como assunto e prática tornou-se confuso e caiu em desuso ou completamente fora e uma das razões atrás disso é que uma quantidade de HCOBs sobre parceiros foi cancelada não existindo qualquer emissão que cubra o assunto por completo.

ESTE HCOB REINSTALA FIRMEMENTE O SISTEMA DE PARCEIROS E COM ÊNFASE.

Ele NÃO está sujeito a cancelamento.

Ele expõe por completo o propósito do sistema de parceiros, as suas bases e regras e uso correto, quando e como é feito, a responsabilidade dos parceiros e a responsabilidade do supervisor e o manejo dos busilises com parceiros.

Ele restabelece o sistema de parceiros como obrigatório em todos os cursos práticos, tais como o curso de TRs, ou a secção prática de um curso como os Exercícios de E-metro. Também cobre o sistema de parceiros nalgumas áreas de estudo teórico onde obviamente é pedido, tal como o M9 de Clarificação de Palavras quando feito entre estudantes.

PASSADO

Em 1954 vimos que quando agrupávamos estudantes de nível de caso e capacidade comparáveis, eles faziam progresso. Quando encontramos algo que é assim tão funcional, pomo-lo em uso. O sistema de parceiros foi instalado como parte fundamental do sistema de treino de Cientologia e trouxe imediata e efetivamente a participação dos níveis de ação de salas inteiras de estudantes. Os estudantes assimilavam a aplicação dos materiais mais rapidamente. Isso trouxe-nos resultados.

Originalmente o sistema de parceiros era usado quase exclusivamente em exercícios práticos. Mais tarde, nos inícios dos anos 60, foi alargado aos exames de parceiros em teoria. Ainda mais tarde, com o advento da Clarificação de Palavras, tech de estudo aplicada e fluxo rápido, o sistema de parceiros como ação alargada obrigatória para todos os estudantes, foi cancelado.

Mesmo assim, algumas orgs continuaram desnecessariamente a emparceirar estudantes em cursos de Admin e alguns cursos de teoria e não vigoravam nos cursos onde os parceiros eram obrigatórios tais como os cursos de TRs.

Os parceiros, nos cursos e ações práticas, nunca foram cancelados por mim e nunca houve intenção de cancelá-los. Contudo uma linha numa BPL (BPL 18 Out. 76RD, Rev. 10.9.78 URGENTE, IMPORTANTE. ALINHAMENTO DO TREINO VITORIOSO), que afirmava: "requisitos para treino ou exames de parceiros para a academia, são cancelados", causaram o afastamento do uso de parceiros mesmo em exercícios práticos nalgumas áreas e lançou uma confusão na cena noutras áreas. A BPL acima foi agora vigorosamente cancelada e é substituída pela PL 25 Set. 79 I, URGENTE, IMPORTANTE. ALINHAMENTO DO TREINO VITORIOSO.

E este boletim restitui ao sistema de parceiros o lugar a que tem direito no treino como utensílio vital que é.

PORQUÊ EMPARCEIRAR?

Uma razão porque emparceirar é tão vital é que traz aqueles indivíduos que se voltaram a afundar na Primeira Dinâmica, de volta da Primeira para a Terceira Dinâmica. Isso dá ao estudante um terminal com quem estudar. Isso põe os estudantes a comunicar, a fazer e a participar. Não se aprende como espectador. Embarcar não só extroverte os estudantes, mas também os leva a tomar alguma responsabilidade pelo homem seu semelhante. Estes são fatores que estão tristemente em falta na educação permissiva moderna.

EMPARCEIRAR VERSUS A PERMISSIVIDADE MODERNA

Embarcarando estamos a cortar a direito no ensino "permissivo" moderno.

A tendência moderna é simplesmente deixar toda a gente fazer o que lhes apetece e prestar atenção em seja o que for que lhes agrade. Este é o "pensamento" do dia e está nos sistemas escolares mais básicos e espalhou-se também a muitos outros campos.

Provavelmente, alguém, algures, pensou que seria muito mais rápido e fácil e requeria muito menos confronto deixar simplesmente o estudante sentar-se ali permissivamente, com a sua atenção vagueando na total significância de tudo e depois clamar que passou o assunto quando nunca chegou perto dele.

Não obrigar os outros a confrontar, é um sintoma das pessoas que não podem confrontar.

Nós não embarcamos nisto. É totalmente louco. A doença arrastada da permissividade, do não confronto e do espectadorismo, é simplesmente uma parte do "maravilhoso mundo de irresponsável desleixo". Ele não tem lugar no treino de Cientologia.

Um real sistema de parceiros em vigor, puxa de facto o estudante diretamente para fora da vaga permissividade do pensamento moderno e coloca-o com alguma responsabilidade à partida. Com isso ele pode ser honestamente treinado.

CAUSA E EFEITO

Uma pessoa que está a ser treinada está principalmente a meter para dentro. Dia após dia é, para dentro, para dentro, para dentro. Isto tende a pô-lo em efeito.

Com os parceiros a pessoa pode equilibrar os seus fluxos para dentro e para fora. Isto evita que ele entre em total efeito. Isso introduz alguma causa na cena.

Quando se espera duma pessoa aplicar conhecimento ou perícia, tem, é claro, que ser causa. Quando ela é treinada totalmente em efeito, pode entrar no que é chamado o fenómeno do “fluxo preso” em que ela não pode transmitir o assunto. Se, contudo, ela vai aplicá-lo, ela vai ter que o pôr para fora.

Os parceiros têm a virtude de equilibrar os fluxos para fora e para dentro. Veremos que quando a pessoa vai aplicar a tech, já está capaz de a transmitir, se foi treinada no sistema de parceiros.

QUANDO EMPARCEIRAR

Não é necessário emparceirar estudantes nos cursos de Admin nem, como regra geral, na teoria dos cursos técnicos. Asseguramos que o estudante está a usar a tech de estudo e não vai passar por palavras mal-entendidas e que não o deixamos continuar com isso.

Prática e cursos práticos são outro assunto.

Parceiros Obrigatórios

O sistema de parceiros é obrigatório naqueles cursos cuja essência é treinar o estudante na aplicação prática dos dados. Isto incluiria o Curso de TRs, qualquer Doutrinação Superior ou Curso de Objetivos, um Curso especial de Exercícios de E-metro e cursos de natureza semelhante.

Mesmo que tais cursos também incluam teoria, o objetivo final é uma pessoa treinada e exercitada na execução envolvida e o sistema de parceiros é absolutamente essencial a este propósito.

Assim, em tal curso, são atribuídos parceiros no início do curso e permanecem atribuídos até à completação desse curso. Nós chamamos a isso “atribuição de parceiros em concreto”. Os parceiros não brincam à dança das cadeiras uma vez atribuídos, nem se lhes permite saltar de um parceiro para outro.

A essência do sistema de parceiros é apenas pôr dois estudantes a estudar juntos para ajudarem e tomarem responsabilidade um pelo outro com sucesso através do curso.

Parceiros Em Secções Práticas De Cursos

Em certos cursos contendo tanto teoria como prática, tais como os Níveis da Academia, não necessariamente emparceirávamos estudantes na secção de teoria do curso. Fá-lo-íamos, contudo, definitiva e obrigatoriamente nas secções de prática.

Por exemplo, o sistema de parceiros é uma obrigatoriedade nos exercícios de E-metro ou ações como exercitar Verificações, exercitar procedimentos especiais de RDs onde é pedido, Exercícios de Aprendizagem, Exercícios de Obnose e outras aplicações práticas.

Parceiros Em Clarificação De Palavras

Emparceiramos sempre estudantes quando o Método 9 de Clarificação de Palavras é feito entre estudantes e não pelo Clarificador de Palavras.

O Método 8 de Clarificação de Palavras é igualmente emparceirado exatamente na mesma base de permuta conforme descrito no Método 9. (Ref. HCOB 30 Jan. 73RB Rev. 1.6.79, Clarificação de Palavras Série 46RB MÉTODO 9 DE CLARIFICAÇÃO DE PALAVRAS, A FORMA CORRETA).

Um exemplo de permuta no Método 8 seria: o primeiro parceiro clarifica a palavra "a". O segundo parceiro clarifica depois a palavra "a" E a palavra "b". O primeiro parceiro clarifica então a palavra "b" E a palavra "c", etc. Fazem duas ações consecutivas de cada vez.

Os parceiros podem também ser atribuídos para atravessarem um com o outro métodos de Clarificação de Palavras desta maneira.

Doravante, em cursos como o RD Primário em que a Clarificação de palavras é a essência do curso, o sistema de parceiros é obrigatório.

Sempre que os parceiros são atribuídos, seja para todo um curso ou para secções práticas de um curso, aplicam-se as regras do sistema de parceiros.

ATRIBUIÇÃO DE PARCEIROS

O supervisor é responsável pela atribuição de parceiros.

Ele deve ter o cuidado de juntar parceiros de nível de caso e treino e capacidades comparáveis conforme possível. Desta forma ambos os parceiros fazem o melhor progresso. Juntar um estudante muito rápido a um estudante lento deve ser evitado, se possível, pois pode ser frustrante e perturbador para ambos. Isto nunca pode ser usado como desculpa para NÃO emparceirar estudantes. Contudo, o ideal é nivelá-los de acordo com as suas capacidades e o sistema corre suavemente e produz os melhores resultados quando isto é feito.

Nalgumas raras instâncias pode ser necessário voltar a atribuir parceiros que foram incorretamente emparceirados. Mas não seria necessário se para começar tivesse havido o cuidado de os juntar corretamente.

De outro modo, uma vez atribuídos, os parceiros trabalham juntos até a uma completação com êxito do curso ou atividade.

PERMUTA

A REGRA DO SISTEMA DE PARCEIROS É QUE É FEITO NUMA BASE DE "PERMUTA".

A "Permuta" é feita da seguinte forma:

Um estudante treina o seu parceiro no exercício ou secção do mesmo. Então eles trocam e o segundo parceiro faz o mesmo exercício ou secção MAIS o próximo exercício ou secção do mesmo. Eles mudam então de novo com o primeiro estudante a fazer o exercício que o seu parceiro acabou de fazer MAIS o seguinte.

O mesmo sistema se aplica ao Método 9 ou Método 8 de Clarificação de Palavras. Um parceiro clarifica a palavra ou um parágrafo ou secção do texto pelo M9 MAIS o seguinte. Eles trocam de novo com o primeiro parceiro agora clarificando ele a palavra ou secção M9 que o seu parceiro acabou de clarificar MAIS o seguinte.

A permuta aplica-se também aos exames estrela quando eles são pedidos. Pode ser feito clarificando todo um boletim no parceiro antes da permuta ser feita. Ou, quando um texto muito grande tem que ter exame estrela, a permuta pode ser feita depois de cada secção.

Com o sistema de permuta uma pessoa não vai constantemente à frente e os mal-entendidos são apanhados entre os parceiros. Os parceiros mantêm-se a bom ritmo um com o outro, não temos um fluxo desequilibrado e ambos continuam em progresso.

A RESPONSABILIDADE DOS PARCEIROS

UM PARCEIRO É RESPONSÁVEL POR ASSEGURAR QUE O ESTUDANTE COM QUEM ESTÁ EMPARELHADO SABE E PODE APLICAR O MATERIAL QUE ESTUDOU.

Os parceiros têm que ser consciencializados das suas responsabilidades no início do curso.

O parceiro clarifica as palavras ao estudante seu colega. Ele escuta as suas frases, assegura-se que estão corretas e ajusta a definição da palavra em clarificação. Ele assegura-se que o seu parceiro comprehende os materiais. Se o estudante não os sabe a frio, o parceiro ajuda o estudante a encontrar as palavras mal-entendidas e leva-o a ultrapassar quaisquer dificuldades.

Os parceiros fazem os exercícios práticos em conjunto. Eles treinam-se um ao outro até vencer e ter a certeza de aplicar os materiais 100% corretamente.

Se um estudante chumba um exame de Supervisor nos materiais em que foi passado pelo seu parceiro, ambos levam falha. O parceiro tem que ter ele próprio um mal-entendido se ele não viu a asneira do outro estudante.

Moral e Produção

A MORAL depende da produção.

A PRODUÇÃO, em treino, é a evidência da demonstração da competência.

A MORAL ESTÁ ALTA QUANDO É DEMONSTRADA COMPETÊNCIA.

A MORAL ESTÁ ALTA QUANDO A PRODUÇÃO ESTÁ ALTA.

A moral não é necessariamente construída sendo “simpático”. As ações de parceiros são levadas a cabo com bom ARC, mas ser “simpático” não chega.

Um estudante ao ter uma boa sessão de treino rígido do seu parceiro e passar, ou ter um bom exame rígido e passar, sente-se bem. Ele realmente cumpriu qualquer coisa. Ele *sabe* que sabe os dados ou exercício.

Um estudante que tem treino ou exames pobres não standard, sente e sabe que foi enganado. Se o seu parceiro está só a ser “simpático”, ele não ganha nada com isso e não aprecia o exame. A sua moral estará em baixo.

Mantemos a moral e produção do parceiro altas. Damos-lhe sessões standard de treino duro para que ele *se torne* competente. Damos-lhe exames standard duros para que ele saiba que DEMONSTROU A SUA COMPETÊNCIA NOS MATERIAIS. Sempre com bom ARC.

Tem que ser real tanto para o estudante como para o Supervisor que o sistema de parceiros não é uma atividade indolente, de sacudir o pó.

Uma pessoa é responsável por passar o seu parceiro *através* do curso. Se um parceiro vai para Revisão, o outro vai para Revisão. Se um parceiro vai para a Ética, o outro vai para a Ética. Se um parceiro desertar, o outro tem que ir lá buscá-lo. Uma pessoa é responsável por passar o seu parceiro *através* do curso.

Casos houve no passado em que um parceiro trabalhou como um louco para passar o outro parceiro através de uma extensa secção mesmo no fim do curso. O outro parceiro foi simplesmente embora não fazendo o mesmo para que o primeiro estudante pudesse também acabar o curso.

É AGORA FIRME POLÍTICA QUE QUANDO TAL CIRCUNSTÂNCIA OCORRA, O ESTUDANTE QUE ABANDONOU O SEU PARCEIRO SIMPLESMENTE PORQUE ELE PRÓPRIO TERMINOU, PODE NÃO SER CERTIFICADO E PODE NÃO LHE SER DADA A TERMINAÇÃO DO CURSO ATÉ O SEU PARCEIRO TER TERMINADO.

Os parceiros são responsáveis por se passarem uns aos outros através dos cursos.

A RESPONSABILIDADE DO SUPERVISOR

É da responsabilidade do supervisor fazer vigorar o sistema de parceiros segundo os pontos deste boletim.

Ele atribui os parceiros, emparelhando-os de acordo com as suas capacidades.

Ele assegura-se que o sistema de parceiros está a ser feito à letra, numa base de permuta, com ambos os parceiros a fazer progressos.

Ele assegura-se que os parceiros estão a cumprir as suas funções como parceiros e a tomar responsabilidade por se passarem um ao outro, exatamente conforme os materiais do curso.

É dada “falha dupla” quando o estudante chumba num exame de Supervisor dos materiais em que o parceiro o passou. “Falha Dupla” quer dizer que o estudante e o seu parceiro chumbam ambos em tal caso pois, se o parceiro não viu o erro do estudante, ele deve ter o seu próprio mal-entendido.

O Supervisor mantém altos standards de tech aderindo firmemente a este sistema e quando tem que dar um chumbo duplo, assegura-se que *ambos* os parceiros são manejados no erro.

Pode ocorrer uma situação em que os parceiros entrarão numa “condição de jogos” um com o outro. Isto dá uma situação problemática de não progresso. Os estudantes que foram juntados não estão a trabalhar na direção da mesma meta, mas estão um contra o outro nalguma medida. Isto não dá progresso, nem ganhos, nem produção, nem é permitida demonstração de competência e a moral é baixa.

É da responsabilidade do Supervisor assim como dos estudantes emparelhados não permitir que tal situação ocorra. Logo que um parceiro falha como parceiro e em assumir essa responsabilidade, o Supervisor examina o estudante neste boletim e noutro material de curso aplicável e assegura-se que o estudante é totalmente manejado.

Para manter alta a moral do curso, o Supervisor tem que insistir na produção e na demonstração de competência em todos os materiais, do estudante e seu parceiro.

No caso de o estudante ser mandado para Revisão ou para a Ética, o Supervisor tem que sustentar a regra de que o seu parceiro também é *sempre* mandado. Ele assegura-se que qualquer estudante desertor é recuperado pelo seu parceiro. Em todos esses casos o Supervisor acompanha os seus estudantes e garante que eles sejam manejados e trazidos rapidamente de volta ao curso.

O supervisor que comprehende o PORQUÊ do sistema de parceiros e faz com que ele seja levado a cabo como deve ser, irá produzir graduados causativos, responsáveis, que podem aplicar o que aprenderam.

ÊNFASE NOS DADOS VERBAIS

Todos os estudantes devem se consciencializados desde o início do treino que as respostas às suas perguntas estão nos seus materiais de curso ou referências da fonte.

As emissões sobre tech verbal, HCOB 9 Fev. 79 COMO DERROTAR A TECH VERBAL, e HCOB 15 Fev. 79, TECH VERBAL, PENALIDADES, devem ser bem-sabidos na sala de curso.

Mesmo assim, os estudantes, particularmente quando novos, entram num intercâmbio de dados verbais ou opiniões enquanto parceiros. Um supervisor tem que estar alerta para isto e intervir para manejar assim que o observar. Ele usa a tech de estudo para corrigir a cena e refere sempre o estudante aos HCOBs acima mencionados sobre tech verbal.

Os estudantes emparelhados assumem, é claro, a responsabilidade de não espalhar tech verbal, nem entre eles nem a quaisquer outros, a respeito do assunto.

MANEJAR BUSÍLIS NO SISTEMA DE PARCEIROS

Os principais busilises que podem aparecer no sistema de parceiros, são os que cedo foram encontrados no SHSBC. Um parceiro teria que ser mandado para a Ética ou Cramming ou Revisão e o outro ficava sem parceiro. Assim, o sistema de parceiros ficava malvisto e poderia impedir alguém de terminar o curso a menos que estes fatores fossem manejados.

O remédio para esta espécie de coisas é enviar *ambos* os parceiros para a Ética, *ambos* os parceiros para Cramming, *ambos* os parceiros para Revisão e se alguém deserta, mandar o seu parceiro atrás dele. Por outras palavras, nós rejeitamos a ideia de que toda a gente é totalmente irresponsável por toda a gente neste maravilhoso mundo de Primeira Dinâmica. Isto não é mero expediente. Basta dar uma boa olhadela no propósito e PORQUÊ do sistema de parceiros para reconhecer o valor deste sistema. Aqueles que reconhecem o seu valor, o farão vigorar e manter.

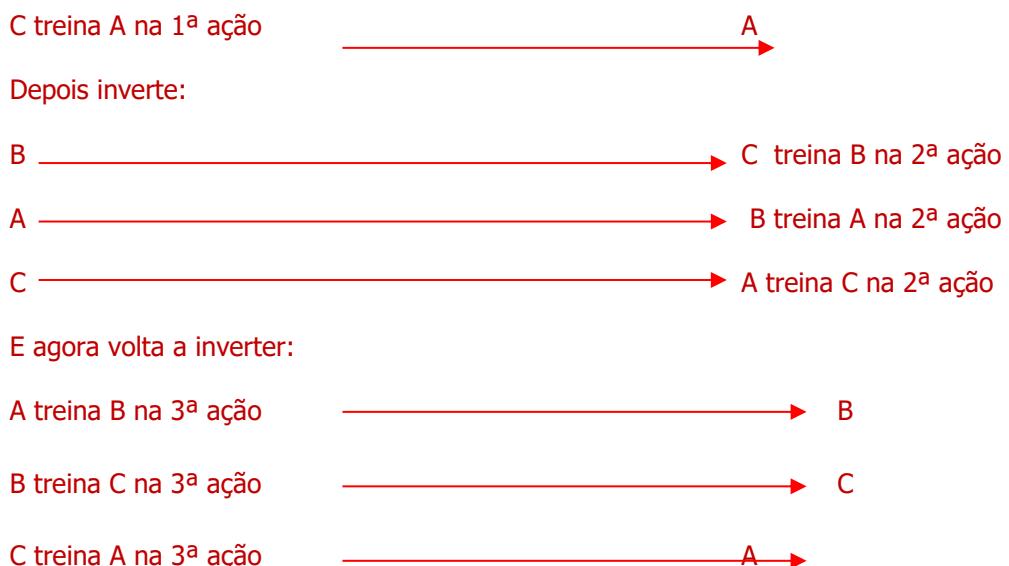
Existe uma outra situação que poderia atuar como um busílis no sistema de parceiros. O que é que acontece quando um parceiro desaparece totalmente da cena apesar dos exames e Cramming e ética? O que é que se faz com o parceiro restante? Ficar por manejar pode parar um curso a um estudante, por isso tem que ser manejado sem perda de tempo. Não se deixa o parceiro isolado a tinir entregue a si próprio por muito tempo.

Se ele não está muito avançado no curso, pode ser emparelhado com um estudante novo. (Numa sala de curso bem dirigida estão sempre a entrar estudantes novos). Todos os esforços são então no sentido do apanhar um novo estudante e juntá-lo a seu parceiro o mais rapidamente possível.

Mas o que será dum estudante mais avançado que perde o seu parceiro? Se não houver absolutamente outro terminal isolado para juntar, existe ainda uma solução de longe preferível a continuar entregue a si próprio. Ele é ajustado a um par de parceiros de capacidades e avanço comparáveis ao seu e essa parelha é transformada num trio. Uma vez formado, dirigimos esse trio tão rigorosamente como quaisquer parceiros. O sistema de permuta teria então que ser circular. (Exemplo: A treina B, B treina C, C treina A). Depois invertia-se. Isto vê-se melhor em diagrama:

A treina B na 1ª ação (exercício, definição etc.) —————→ B

B treina C na 1ª ação —————→ C



E agora inverte de novo (C treina B, etc.) e assim por diante através do exercício, definição ou secção do M9.

Todas as regras do sistema de parceiros se aplicam a estes três. "Constitui-se o trio em concreto" e assegura-se que eles se mantêm a avançar. Outra vez, aqui a questão é que eles operem na Terceira Dinâmica em que alguém toma alguma responsabilidade pelo seu semelhante.

MANEJAR ESTUDANTES ATASCADOS E SEUS PARCEIROS

Quando um estudante atascado não pode ser manejado na sala de curso com Clarificação standard de Palavras e tech de estudo e ele é mandado para Cramming, Revisão ou quando indicado para a Ética, o seu parceiro vai também sempre.

A ideia não é apenas manter os parceiros juntos tomando responsabilidade um pelo outro, mas também repará-los a *ambos* conforme necessário.

Por outras palavras, um parceiro não se senta simplesmente ali a ver o outro a ser manejado. O parceiro de um estudante atascado, também ele próprio precisará de ser manejado em Revisão, Ética ou Cramming. Se um estudante acaba nas linhas de Revisão, tem que ser assumido que o seu parceiro também errou como parceiro e tem mal-entendidos nos materiais de curso. Isto tem que ser analisado e resolvido pelo Dir. de Revisão quando os parceiros passam pela Revisão.

O Dir. de Revisão determina por meio de entrevista qual o busílis e como deve ser resolvido. Isto é feito numa base individual para cada parceiro.

Por exemplo, o estudante atascado pode precisar de Clarificação de Palavras ou de uma Lista de Correção de Clarificação de Palavras e o seu parceiro, de reestudar este boletim de parceiros ou outros materiais de curso.

Na Ética, por exemplo, um estudante pode estar envolvido nalguma espécie de situação fora de ética tal como chegar tarde ao curso. Em qualquer situação ética procuraríamos a possibilidade de ruds mútuos entre parceiros. Quer haja ou não ruds mútuos, deve sempre ser dado algum manejo ao parceiro respeitante à sua responsabilidade na situação.

No exemplo acima, o Oficial de Ética deverá manejá-lo com um projeto de emendas. Ele ia então examinar com o parceiro a questão da *sua* responsabilidade e que passos *e/ele* poderia tomar para assegurar que o estudante chegasse a horas ao curso. O parceiro levava então o estudante através das emendas, através do seu próprio manejo fosse de que natureza fosse, e ambos voltariam então ao curso.

O parceiro vê o estudante passar através do seu ciclo revisão, Cramming ou ética e, sempre que possível, é usado para ajudar o estudante a atravessá-los. Ele próprio também recebe o manejo apropriado.

A REGRA É: QUANDO UM ESTUDANTE FICA ATASCADO, O SEU PARCEIRO É SEMPRE MANDADO COM ELE PARA CRAMMING, REVISÃO OU ÉTICA.

No caso raro em que o estudante vai precisar de manejo extenso em Revisão ou Ética, tal como manejo de caso ou suspensão do curso, caso em que tal deveria ser verdadeiramente fundamentado, o Dir. de Revisão ou Oficial de Ética pode mandar o outro parceiro para o curso para ser re-emparelhado com outro estudante.

O supervisor investiga sempre quaisquer estudantes que foram temporariamente postos fora do curso. Ele deve manter-se informado sobre o seu paradeiro e progresso nas linhas de correção e garante que eles sejam mandados para o curso devidamente corrigidos o mais rapidamente possível. Ele não permite que um estudante ou parceiro simplesmente saia das suas linhas com um curso incompleto, por manejar ou sem explicação. Qualquer parceiro tem também a responsabilidade de ir ele próprio e levar o seu parceiro de volta para o curso.

Uma vez que os estudantes tenham a ideia de que o seu próprio progresso num curso depende completamente da qualidade do seu sistema de parceiros, começaremos a ver alguns resultados mágicos. Estão agora com a responsabilidade de tudo e a operar na Terceira Dinâmica.

Só é preciso supervisão e um REAL SISTEMA DE PARCEIROS.

É esta a combinação vitoriosa.

Por isso façam o sistema vigorar.

Ele ficará visível em estudantes com F/N e terminações altamente genuínas de cursos de que qualquer Supervisor, qualquer org, qualquer graduado se pode orgulhar.

E eu também me orgulharei de vós.

L RON HUBBARD

FUNDADOR

SECÇÃO DOIS

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
Saint Hill Manor, East Grinstead, Sussex

BOLETIM DO HCO DE 7 DE FEVEREIRO DE 1979R

Corrigido e Reemitido 12 fevereiro 1979

Revisto 15 Fevereiro 1979

Remimeo
Checksheet
de Ok para
Operar o E-Meter
Todos os Auditores (Revisões em Itálicas)
Tech (Reticências indicam remoção)
Qual
C/Ses
Oficiais de Cramming

EXERCÍCIO DO E-METRO 5RA APERTAR DE LATAS

O Exercício do E-Meter seguinte revê e substitui imediatamente o Exercício do E-Meter 5, conforme o Livro de Exercícios do E-Meter e modifica quaisquer dados contrários em Essenciais do E-Meter.

Número: EM-5RA

Nome: APERTO DE LATAS

Propósito:

- I. Demonstrar ao estudante como um aperto de latas incorreto dá uma reação da agulha incorreta, na qual não se pode confiar.
- II. Treinar o auditor estudante a levar um pc a dar um aperto de latas preciso.
- III. Treinar o auditor estudante na determinação da sensibilidade obtendo uma queda da agulha de 1/3 de mostrador com um aperto de latas, a fim de poder fixar a sensibilidade correta para cada preclaro numa sessão de audição.
- IV. Convencer o auditor estudante de que ele tem de usar a sensibilidade correta para uma queda de 1/3 de mostrador com um aperto de latas, para dispor de um E-Meter funcional e legível.

Posição: O treinador e o auditor estudante sentam-se defronte um para o outro a uma mesa com um E-Meter virado para o auditor estudante. O E-Meter já está montado.

Ênfase de Treino:

Secção I: Dar ao auditor estudante uma realidade sobre como um aperto de latas pode ser feito incorrectamente, para que ele saiba todos os pontos que poderá ter de corrigir para garantir um aperto de latas preciso.

1. O treinador pega nas latas e mantém as mãos na mesa para que o estudante as possa ver claramente.
2. O treinador manda o estudante colocar o botão amplificador da sensibilidade na posição mais baixa e a sensibilidade a 1 no botão da sensibilidade.
3. O treinador manda o estudante ajustar a agulha na linha de Set no mostrador.

O treinador mandará o estudante reajustar a agulha para Set conforme necessário ao princípio de cada demonstração de aperto de latas.

4. O treinador dá um aperto nas latas com uma pressão uniforme. Se não houver leitura ou se houver uma leitura muito pequena, menos de 2.5 cm, com a sensibilidade a 1, o auditor estudante move o botão da sensibilidade para 5, e consegue outro aperto de latas. Se ainda não houver leitura ou esta for menor que uma polegada, o estudante move a sensibilidade para 16 e consegue outro aperto de latas. Para os propósitos da demonstração seguinte, pretendemos fixar a sensibilidade para que possamos ver obviamente um movimento da agulha de cerca de 2.5 cm com o aperto de latas. Portanto a sensibilidade pode ser posta abaixo de 5 ou acima de 5, desde que tenhamos uma queda de cerca de 2.5 cm com o aperto de latas.
5. Com a sensibilidade determinada em 4 acima, o treinador apertará então as latas incorrectamente, em cada vez de forma diferente. O treinador mostra ao estudante o que ele está a fazer de especial com as suas mãos, e depois manda o estudante observar o que acontece no E-Meter e a distância a que a agulha cai no mostrador quando ele faz cada versão de um aperto de latas incorrecto como se segue:
- A. O treinador pega nas latas com as palmas das mãos e todos os dedos e ambos os polegares em contacto completo com as latas. À medida que aperta as latas ele levanta um dedo, pondo o dedo de volta após relaxar o aperto. Este é um aperto de latas incorreto.
 - B. O treinador segura as latas como em A. Desta vez dá às latas um aperto muito rápido e leve. Este é um aperto de latas incorreto.
 - C. O treinador pega nas latas como em A, aperta-as com uma pressão gradual e depois, quando alivia o aperto, ele relaxa-o de forma que este fique muito mais frouxo do que antes do aperto das latas. Este é um aperto de latas incorreto.
 - D. O treinador pega nas latas como em A, dando desta vez um aperto duro e rápido. Este é um aperto de latas incorreto.
 - E. O treinador pega nas latas como em A, aperta-as firmemente e só desprene o aperto parcialmente. Este é um aperto de latas incorreto.
 - F. O treinador pega nas latas como em A, mas aperta-as em 2 estágios, primeiro um aperto pequeno, depois, de repente, um mais duro. Este é um aperto de latas incorreto.
 - G. O treinador pega nas latas como em A, dá-lhes um aperto forte e rápido, e mantém o aperto. O estudante deve notar que a agulha desliza muito para a direita devido ao movimento repentino, e que só volta parte do caminho com o treinador a manter ainda o aperto, dando assim uma medida incorreta do aperto de latas. O estudante deve ver que a distância entre a primeira posição da agulha em Set e a posição final da agulha com o treinador a manter ainda o aperto é a verdadeira medida da queda do aperto de latas. Não é a distância entre a primeira posição da agulha em Set e a posição da agulha no deslize mais longo para a direita. Um aperto de latas duro e rápido é um aperto de latas incorreto.
 - H. O treinador segura nas latas de forma que estas não estejam em contacto com as palmas das mãos e aperta-as. Este é um aperto de latas incorreto.
 - I. O treinador segura nas latas com os polegares a subirem pelos lados e saírem pelo topo das latas e aperta-as. Este é um aperto de latas incorreto.
 - J. O treinador agarra nas latas com força e aperta-as. Este é um aperto de latas incorreto.
 - K. O treinador pega nas latas com os dedos indicadores ligeiramente levantados e põe os dedos indicadores nas latas durante o aperto. Este é um aperto de latas incorreto.

O exercício é continuado até que o auditor estudante consiga a ideia de que um aperto de latas incorreto dá reações da agulha incorretas nas quais não se pode confiar.

Secção II: Dar ao auditor estudante uma ideia correta em relação ao que é um aperto de latas correto e treiná-lo a conseguir um aperto de latas correto.

1. O exercício seguinte deve ser feito primeiro pelo treinador para demonstrar ao auditor estudante o que é um aperto de latas correto:
 - A. O treinador manda o auditor estudante abanar as mãos até os dedos estarem descontraídos e bambos.

- B. Depois o treinador manda o auditor estudante pôr as mãos na mesa, com as palmas para cima, sem exercer controlo sobre os seus dedos. Os dedos do auditor estudante farão um arco para dentro na direção das palmas.
- C. Agora o treinador coloca simplesmente as latas nas mãos do auditor estudante num ângulo que atravessa as palmas. O arco natural dos dedos é o suficiente para manter as latas no seu lugar, e a colocação das latas num ângulo assegura que a área máxima da pele está a tocar nas latas. As palmas e todos os dedos e ambos os polegares do auditor estudante têm de estar a tocar nas latas. Asseguramo-nos de que os polegares estão à volta das latas e não sobem pelos lados.
- D. Agora o treinador manda o auditor estudante gradualmente aumentar a pressão do seu aperto nas latas até atingir um aperto leve, e depois descontraí-lo. Este é um aperto de latas correto.
- E. Nota: Asseguramo-nos de que quando o auditor estudante descontraí o seu aperto ele não retira um dedo ou polegar ou as suas palmas das latas. Ele deve ter sensivelmente o mesmo contacto que tinha ao princípio como em C acima.
2. Tendo feito o acima descrito, o treinador agora põe o auditor estudante a fazer o exercício da forma seguinte:
- Manda o treinador pegar nas latas e manter as mãos na mesa de forma que o estudante as possa ver durante todo o aperto de latas.
 - Verifica o aperto do treinador nas latas para se assegurar de que é correto como em B e C acima. O estudante pode ter que experimentar vários tamanhos diferentes de latas, pequenas, médias ou grandes, dependendo do tamanho das mãos do treinador, para obter a lata de tamanho correto que ele pode segurar confortavelmente sem esforço e que se encaixe na palma da sua mão, com o máximo contacto da pele.
 - Ajusta o botão amplificador de sensibilidade para a posição mais baixa.
 - (a) Põe o botão da sensibilidade a 1 no mostrador da sensibilidade.
 - (b) Ajusta a agulha para a linha de Set no mostrador da agulha.
 - (c) Damos os comandos próprios para conseguir um aperto de latas correto da maneira seguinte:
"Aperta as latas, por favor."
"Obrigado."

O estudante tem de se assegurar de que o treinador gradualmente aumenta a pressão nas latas e de que a descontraí.

(d) Notamos a distância a que a agulha caiu quando o treinador apertou as latas.

- E. Agora aumentamos a sensibilidade para 2 e repetimos os passos D (b), (c) e (d) acima, notando mais uma vez a distância a que a agulha cai quando o treinador aperta as latas.
- F. Repetimos os passos D (b), (c) e (d) para uma sensibilidade em 3, depois para uma sensibilidade em 4, depois 5, depois 6 e subindo até termos a agulha a bater no lado do mostrador com o aperto de latas. Com a agulha a bater do lado do mostrador com o aperto de latas, não seríamos capazes de notar o comprimento da queda da agulha.

Flunks são dados por não mandar o treinador tirar todos os anéis ou joias de mão, pois estas podem fazer com que a agulha dê leituras pouco usuais; por não verificar que há um contacto máximo da pele com as latas; por falhar em assegurar-se de que os polegares vão à volta da lata e não sobem pelos lados; por falhar em preparar o E-Meter e a agulha corretamente; por falhar em notar e manejar um aperto de latas repentino ou duro ou tremido ou convulsivo em vez de um aumento de pressão uniforme nas latas ou deixar as latas repentinamente; por não se assegurar que o treinador não tira um dedo ou polegar ou palma das latas quando desprende o contacto; por falhar em notar precisamente a distância a que a agulha cai no aperto de latas; e por dar os comandos errados. A falta de perícia em exercícios anteriores é corrigida com uma folha rosa.

Secção III: Dar ao auditor estudante uma realidade sobre preparar a sensibilidade para uma queda da agulha de 1/3 de mostrador com o aperto de latas.

O auditor estudante deveria saber que preparar a sensibilidade para uma queda de 1/3 de mostrador com o aperto de latas é uma parte integral da preparação de cada uma das sessões que ele faz. É a sensibilidade que ele vai usar durante a sessão. É vitalmente importante que ele consiga a preparação correta da sensibilidade para cada preclaro em cada sessão, de forma a que não lhe escapem leituras ou F/Ns. Uma preparação de sensibilidade que seja baixa demais ou alta demais para esse preclaro em particular na sessão em particular obscurecerá leituras e F/Ns, perturbando assim o caso do preclaro. Por isso, o auditor estudante tem de ser proficiente neste exercício.

1. A. Manda o treinador pegar nas latas e manter as mãos na mesa de forma que o estudante as possa ver durante todo o aperto de latas.
 - B. Verifica o aperto do treinador para te assegurares de que é correto, assegurando-te também de que tens o tamanho correto de latas.
 - C. Ajusta o botão amplificador de sensibilidade para a posição mais baixa.
 - D.
 - (a) Põe o botão da sensibilidade a 5 no mostrador da sensibilidade.
 - (b) Ajusta a agulha para a linha de Set no mostrador da agulha.
 - (c) Manda o treinador a apertar as latas assegurando-te de que ele o faz corretamente.
 - (d) Nota a distância a que a agulha cai quando o treinador aperta as latas.
 - E. No passo D (d) a agulha caiu uma distância de ou
 - (a) uma queda de **menos** de 1/3 de mostrador
 - ou
 - (b) uma queda de mais de 1/3 de mostrador.

Se for (a), aumenta um pouco a sensibilidade e repete os passos D (b), (c) e (d) e continua a fazer isto até teres uma queda de 1/3 de mostrador. Se for (b), baixa um pouco a sensibilidade e repete os passos D (b), (c) e (d) e continua a fazer isto até teres uma queda de 1/3 de mostrador.

Por outras palavras, continua a ajustar a tua sensibilidade mais abaixo ou mais acima de acordo com a queda ser maior ou menor que 1/3 do mostrador, até teres uma sensibilidade correta.

Cada vez que se pede um novo aperto de latas, o auditor estudante tem de se assegurar de que o treinador está a segurar as latas corretamente e a dar um aperto de latas correto.

- F. O estudante então nota a sensibilidade exata à qual ele conseguiu a queda de 1/3 de mostrador.

Flunks são dados por erros como os da Secção II acima e por falhar em reconhecer quando uma queda da agulha de 1/3 de mostrador com o aperto de latas foi obtida; por falhar em reconhecer se o treinador está a apertar de latas consideravelmente mais duro ou mais leve do que estava a dar com a sensibilidade a 5 e por falhar em estabelecer a preparação de sensibilidade correta para uma queda de 1/3 de mostrador com o treinador.

2. Agora o treinador põe o auditor estudante a fazer o exercício com alguns dos outros estudantes, o treinador a observar, até estar satisfeito por o estudante poder estabelecer fácil e precisamente a sensibilidade correta para um aperto de latas com uma queda de 1/3 de mostrador com o aperto de latas.

Secção IV: Dar ao auditor estudante uma realidade sobre como uma preparação correta de sensibilidade para uma queda de 1/3 de mostrador com o aperto de latas proporciona um E-Meter que se pode ler e que é funcional e como uma preparação incorreta de sensibilidade proporciona um E-Meter que não se pode ler e que não é funcional, de forma que o estudante compreenda porque é que tem de usar uma sensibilidade que dê uma queda de 1/3 de mostrador.

1. O treinador faz o estudante auditor preparar a sensibilidade corretamente com um aperto de latas correto para uma queda de 1/3 de mostrador como na Secção III.
2. O auditor estudante faz um "teste de beliscão" da forma seguinte: o estudante belisca o braço do treinador, com força suficiente para doer um bocadinho.
3. Agora, enquanto observa o E-Meter, o estudante diz para o treinador:
"Recorda o beliscão que acabei de te dar."
"Obrigado."
4. O estudante nota a reação da agulha ao seu comando e a distância a que a agulha caiu.
5. O treinador põe o estudante a fazer os passos 2, 3 e 4 várias vezes, notando cada uma das vezes o que a agulha faz em resposta a "Recorda esse beliscão".
6. O treinador manda agora o estudante pôr a sensibilidade a 1. O estudante manda o treinador apertar as latas e nota se há leitura ou não. Se houver leitura, nota o tamanho da leitura e deixa a sensibilidade a 1. Se não houver leitura no aperto, o estudante deixa ainda a sensibilidade a 1.
7. O auditor estudante faz outro "teste de beliscão" como em 2, 3, 4 e 5 acima, notando a diferença na resposta da agulha ao comando "recorda esse beliscão" comparada com o que era no Passo 5 com a sensibilidade correta. Pode não haver absolutamente nenhuma leitura e o estudante deve notar isso.
8. O treinador faz o estudante colocar agora a sensibilidade a 32, e o treinador aperta as latas.
9. O estudante volta a fazer o teste de beliscão e nota a reação da agulha ao seu comando "Recorda esse beliscão".
10. O treinador manda o estudante colocar depois a sensibilidade corretamente para uma queda de 1/3 de mostrador com um aperto de latas correto e volta a fazer o teste de beliscão.
11. O estudante deve observar a partir destes testes de beliscão que uma sensibilidade correta, determinada a partir de um aperto de latas correto, proporciona um E-Meter que se pode ler e que é funcional, e que uma sensibilidade incorreta proporciona um E-Meter que não se pode ler e que não é funcional. Se ele não vir isto claramente, então o treinador deve pôr o estudante a refazer os passos de 7 a 10 até que o estudante veja porque é que a sensibilidade tem de ser preparada para uma queda de 1/3 de mostrador determinado a partir de um aperto de latas correto.

Flunks são dados por falhar em notar o que a agulha fez e o tamanho da leitura em resposta ao estudante dizer ao treinador para se recordar do beliscão e por erros em preparar a sensibilidade precisamente e conseguir um aperto de latas correto quando este é exigido no exercício.

História: Desenvolvido como um exercício de treino por L. Ron Hubbard em Saint Hill, em Dezembro de 1963, e revisto por L. Ron Hubbard, em Fevereiro de 1979.

L. RON HUBBARD

Fundador

SECÇÃO TRÊS

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD**Erro! Marcador não definido.**

Saint Hill Manor, East Grinstead, Sussex

BOLETIM DO HCO DE 22 DE JULHO DE 1978

Remimeo

Todos os Auditores

TRs DE ASSESSMENT

A forma correta de fazer um assessment é fazer a pergunta ao pc num tom de voz interrogativa.

Ao fazer um assessment alguns auditores transformaram as perguntas em afirmações.

Uma curva descendente no final de uma pergunta de assessment contribui para a tornar numa afirmação. O tom de voz das perguntas deve subir no final.



Um remédio para este mal é observar uma conversação vulgar. Fazendo algumas perguntas normais e algumas afirmações também normais, veremos que o tom de voz desce nas afirmações.

Fazer assessment com o tom de voz afirmativo em vez de interrogativo resulta em avaliação para o pc. O pc sente-se acusado ou avaliado mais do que assessado e o auditor e o auditado pode obter uma quantidade de leituras falsas ou de protesto.

O tom de voz é tudo. Os auditores devem ser exercitados a fazer as perguntas. As perguntas de assessment têm uma curva ascendente.

Estão a ver?

Então exercitem-no

L. RON HUBBARD

Fundador

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,
HCOB 22 ABRIL 1980R
REVISTO 26 JULHO 1986

EXERCÍCIOS DE ASSESSMENT

(Revisto para incluir mais dados sobre os requisitos para os que usam estes exercícios, adicionar um exercício para estudantes não treinados no E-Metro, e para incluir dados adicionais sobre o TR 8Q.)

(Referências:

HCOB 6 Dez 73	Nº90 da Série sobre o C/S O FRACASSO PRIMÁRIO
HCOB 28 Fev. 71	Nº24 da Série sobre o C/S USAR O E-METER EM ITENS COM LEITURA
HCOB 15 Out 73RC	Nº87RC da Série sobre o C/S
Re-Rev. 26.7.86	ANULAR E LEVAR ATÉ F/N LISTAS PREPARADAS
HCOB 22 Jul. 78	TRs DE ASSESSMENT O LIVRO DE EXERCÍCIOS DO E-METER)

De acordo com o HCOB de 6 Dez 73, o ponto crítico de um auditor era a sua capacidade de conseguir leituras numa lista preparada. Isto dependia de (a) o seu TR 1 e (b) a sua utilização do E-Metro.

Em 1978 este assunto foi mais estudado e no HCOB de 22 Jul. 78, TRs DE ASSESSMENT, foi descoberto que os tons corretos da voz tinham tudo a ver com o assessment.

Acabei de desenvolver exercícios que aperfeiçoam esta capacidade de fazer com que listas tenham leituras e melhorar a audição do auditor em geral.

Descobrir-se-á que estes exercícios têm também grande valor para as pessoas que fazem sondagens, Examinadores e Oficiais de Ética.

NÍVEIS DE USO

Existem três níveis de uso para estes exercícios:

- 1) TREINO DE AUDITOR: Um auditor estudante tem de se tornar perito no manejo de listas preparadas. Treinar o estudante para fazer uma lista ter leituras é o primeiro nível de uso para os Exercícios de Assessment. Os requisitos para este nível de uso são curso de TRs Profissionais, TRs de Doutrinação Superior, e os exercícios do Livro de Exercícios do E-Metro.

Antes de começar os Exercícios de Assessment, o auditor deveria rever os seus exercícios do E-Metro e praticar o Exercício de E-Metro 27, Exercício de E-Metro CR0000-4 e, se necessário, Exercício de E-Metro CR0000-3. Chamamos à atenção que o Exercício de E-Metro 5, do Livro de Exercícios do E-Metro, foi substituído pelo Exercício de E-Metro 5RA e, se não tiver sido feito, deve ser feito. A capacidade de ver e ler e operar um E-Metro tem tudo a ver com conseguir leituras numa lista preparada. Quando um auditor falha é simplesmente porque não fez adequadamente os exercícios do Livro de Exercícios do E-Metro e não praticou até o ponto de familiaridade completa e natural com o E-Metro. A questão da perícia de fazer as listas terem leituras é despropositada, a não ser que o auditor possa montar, manejar e ler um E-Metro. Mas a capacidade é facilmente adquirida.

- 2) SONDAORES, OFICIAIS DE ÉTICA, EXAMINADORES (e outros ainda não treinados como auditores): Os Exercícios de Assessment são ferramentas extremamente valiosas para aqueles cujos deveres envolvam fazer e conseguir respostas a perguntas, como em fazer sondagens e

entrevistas. Quando a perícia de fazer perguntas bem é necessária, mas treino no E-Metro ainda não foi completado, o requisito para fazer os Exercícios de Assessment seria a conclusão bem-sucedida dos TRs de 0 a 4 e 6 a 9. Tal estudante não faria nenhum dos Exercícios de Assessment que exigam a utilização do E-Metro.

- 3) CORREÇÃO DE AUDITOR: Por vezes um C/S precisa manejar um auditor que está a ter dificuldade em fazer listas preparadas terem leituras, e em tal caso os Exercícios de Assessment são a resposta. Portanto o terceiro nível de uso é simplesmente um C/S ordenar que um auditor passe através dos Exercícios de Assessment, quando as suas listas são suspeitas. Pressupõe-se aqui que o auditor já fez os cursos necessários como em (1) acima.

EXERCÍCIOS DE TREINO DE ASSESSMENT

Os exercícios seguintes têm a letra "Q" depois deles para indicar que são usados para PERGUNTAS [Question = Pergunta, Inglês]. O Q é seguido de um número para mostrar que eles são exercitados nessa sequência.

Nestes exercícios com Q, a prática de Parceiros e qualquer outra técnica de TRs normal para os TRs é seguida.

TR 1-Q1

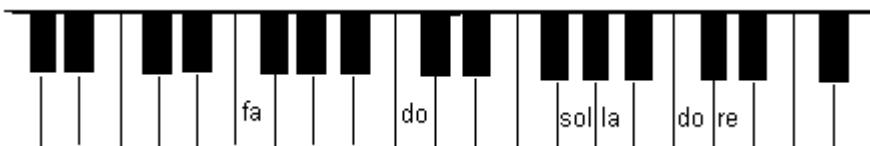
NÚMERO: TR 1-Q1.

NOME: Tom de Declaração e Pergunta.

POSIÇÃO: O Treinador sentado junto ao teclado de um piano ou órgão, ou qualquer instrumento que se possa usar e estudante colocado ao lado do instrumento.

PROPÓSITO: Estabelecer as diferenças de tom das declarações e perguntas.

DADOS:



PROCEDIMENTO DE TREINO: Se o estudante for uma rapariga, o treinador pede-lhe para dizer "Maçã", como uma declaração. O treinador então toca um Dó acima do Dó médio (conforme mostrado no desenho acima) e depois um Sol acima do Dó médio. Se o estudante é um homem, o treinador pede-lhe para dizer "água", como uma declaração e então toca o Dó médio e depois um Fá abaixo do Dó médio. Isto é repetido Á dizendo "água" e tocando as duas notas até que o tom da declaração possa ser duplicado pelo estudante. (No caso de o estudante ter um tom de voz em desacordo com estas duas notas, outras notas podem ser achadas e usadas pelo treinador desde que a nota mais aguda seja a primeira e a segunda nota seja mais grave quatro ou cinco tons inteiros que a primeira. É preciso que soe como uma declaração com a nota mais aguda e depois a mais grave.) Uma vez que o estudante dominou isto e o pode duplicar, faz com que o estudante use outras palavras de duas sílabas (ou palavras de uma sílaba precedidas de um artigo) usando estas notas da declaração. Depois, usando estas duas notas, faz o estudante construir frases como declarações, com a maior parte da frase dita no tom da nota mais aguda, mas o fim da frase no tom da nota mais grave. Quando o estudante consegue isto e o pode fazer facilmente e soa natural e está satisfeito com isso, vai para o passo da pergunta.

O treinador faz o estudante dizer "água" como uma pergunta. Então (para um estudante homem), o treinador toca um Fá abaixo do Dó médio e depois o Dó médio. Para uma mulher o treinador toca um Lá acima do Dó médio e depois um Ré uma oitava acima do Dó médio. (No caso de discordância com o tom da voz do estudante, o treinador deve resolver isso simplesmente assegurando-se de que a nota mais aguda seja três ou quatro tons inteiros acima da nota mais grave. Tem de soar natural e deve soar como uma pergunta.) O treinador faz o estudante dizer "água" como uma pergunta e depois toca a nota mais

grave e a mais aguda até que o estudante o possa duplicar. Agora toma outras palavras de duas sílabas (ou palavras de uma sílaba precedidas de um artigo) e faz o estudante dizê-las como uma pergunta, acompanhando cada uma com as duas notas do instrumento, da mais grave para a mais aguda. Quando o estudante pode fazê-lo, está satisfeito que soe natural e não tem que pensar para o fazer, vai para o próximo passo. Aqui o estudante faz perguntas banais. A primeira parte da pergunta é dita na nota mais grave e a última parte é dita na nota mais aguda. A cada pergunta o treinador toca a nota mais grave e depois a nota mais aguda. Quando soar natural e o estudante não tem que pensar para o fazer e está satisfeito com isso o exercício está terminado.

FENÔMENO FINAL: Uma pessoa que pode fazer declarações e perguntas que soam como declarações e perguntas.

HISTÓRIA: Desenvolvida por L. Ron Hubbard em Abril de 1980, ao fazer o roteiro do filme de treino, a ser produzido brevemente, "O Assessment Tom 40"

TR 1-Q2

NÚMERO: TR 1-Q2.

NOME: Perguntas de Passeio.

POSIÇÃO: Não há treinador. Dois estudantes separam-se e passeiam pelas vizinhanças e depois encontram-se e compararam as notas. O objetivo é detetar hábitos pessoais de interrogação.

PROPÓSITO: Esclarecer o estudante quanto aos seus próprios hábitos de comunicação e as reações das pessoas às suas perguntas.

COMANDOS: As perguntas sociais mais comuns do dia a dia, apropriadas às atividades e circunstâncias da pessoa, tais como: "Como está?", "Que horas são?", etc. Somente uma ou duas perguntas para cada pessoa. As perguntas devem ser banais, sociais e comuns, mas devem ser perguntas.

ÊNFASE DO TREINO: Os dois estudantes entram em acordo sobre as áreas que vão cobrir e a hora em que se reencontrarão. Depois eles partem individualmente, não vão juntos. O estudante pára junto às pessoas que encontra e faz as perguntas sociais, ouve os tons da sua PROPRIA voz e anota a reação da pessoa inquirida. Neste exercício o estudante não tenta necessariamente usar o TR 1-Q1, mas é simplesmente ele mesmo, falando como ele falaria normalmente. Depois disso os estudantes encontram-se e compararam as anotações e discutem o que descobriram sobre si mesmos no assunto de fazer perguntas. Se eles não tiverem aprendido ou observado nada, o exercício deve ser repetido.

FENÔMENO FINAL: Uma pessoa que detetou quaisquer hábitos que tenha no manejo do tom de voz, ao fazer perguntas, de modo que os possa curar em exercícios subsequentes.

HISTÓRIA: Recomendado por L. Ron Hubbard em Fevereiro de 1978, no projeto piloto do HCOB de 22 Jul. 78, TRs DE ASSESSMENT. Desenvolvido como um TR em Abril de 1980, por L. Ron Hubbard.

TR 1-Q3

NÚMERO: TR 1-Q3.

NOME: Pergunta de Uma Só Palavra.

POSIÇÃO: Estudante e treinador, defronte um para o outro, com uma mesa entre eles. O E-Metro não é usado. O Livro de Exercícios do E-Metro é usado pelo estudante e pelo treinador, cada um com o seu.

PROPÓSITO: Ser capaz de fazer perguntas usando uma só palavra retirada de uma lista.

COMANDOS: O treinador usa as instruções de começar, Flunk e "É isso" [interrupção ou fim] normais do TR. O estudante usa palavras das listas preparadas a partir do Livro de Exercícios do E-Metro.

ÊNFASE DE TREINO: Fazer com que o estudante use o tom da sua voz para transmitir a pergunta consistindo de uma só palavra. Deve soar como uma pergunta, como no TR 1-Q1 e usar tons semelhantes aos do TR 1-Q1. O estudante recebe Flunk por TR 1 out, por manter os seus olhos colados à lista, por soar não natural. O estudante também recebe Flunk por perguntas lentas ou com demoras de comunicação ou pausas. O treinador determina a lista a ser usada e troca de listas. Quando o estudante pode fazer isso facilmente, uma segunda parte do exercício é introduzida e o treinador começa a usar a Lista de Originações

do Pc a fim de interromper o estudante e fazê-lo combinar as suas perguntas com o TR 4. Neste caso o estudante dá o acusar de receção apropriadamente, usa "Eu vou repetir a pergunta." e assim faz.

FENÓMENO FINAL: A capacidade de fazer perguntas de uma só palavra que serão respondidas como perguntas e de, ao mesmo tempo, ser capaz de manejar as originações do pc.

HISTÓRIA: Desenvolvido em Abril de 1980, por L. Ron Hubbard.

TR 1-Q4A

NÚMERO: TR 1-Q4A (Só para estudantes treinados no E-Metro).

NOME: Perguntas de Frases Inteiras.

POSIÇÃO: Estudante e treinador sentam-se de frente um para o outro, em lados opostos de uma mesa. O E-Metro é montado e usado. São usadas cópias do Livro de Exercícios do E-Metro.

PROPÓSITO: Treinar o estudante a fazer perguntas completas, que soem como perguntas, ler um E-Metro e manejar a sessão ao mesmo tempo.

COMANDOS: Comandos comuns do treinador dos exercícios de TRs. As Listas Preparadas do Livro de Exercícios do E-Metro; as perguntas nestes exercícios são redigidas de novo de modo que o item é a última palavra; Exemplo: Lista 2 do Livro de Exercícios do E-Metro declara que a Pergunta de Assessment é "De que árvore gostas mais?". Esta é convertida, em cada pergunta, para "Gostas de _____?"; A Lista Preparada 4 é convertida para "Não gostas de _____?"; etc.

Em cada caso é usada uma frase completa.

ÊNFASE DO TREINO: O treinador usa os comandos de TR normais. O Exercício de E-Metro Nº5RA deve ser usado para começar. Quaisquer erros de TR ou erros de Utilização do E-Metro podem receber Flunk, mas presta-se especial atenção à capacidade do pc em fazer uma pergunta que soe como uma pergunta, em conformidade ao TR 1-Q1 e que soe natural. O exercício tem três partes. Na primeira parte, apesar do treinador estar no E-Metro, concentra-se na capacidade de fazer a pergunta. Na segunda parte concentra-se na capacidade do estudante de olhar para as perguntas escritas e depois fazê-las diretamente ao treinador, sem demoras de comunicação ou hesitações desnecessárias. A terceira parte é para fazer as duas primeiras partes e ler o E-Metro (conforme os Exercícios do E-Metro Nº27 e CR0000-4 que talvez precisem ser revistos se houver enganos) e manter a administração da sessão, tudo suave e precisamente. Se uma dúvida sobre a precisão do E-Metro aparecer, chama-se uma terceira pessoa que possa ler o E-Metro ou usa-se uma fita de vídeo para garantir que o estudante realmente não está a deixar passar leituras ou a fazer dub-in.

FENÓMENO FINAL: Uma pessoa que pode tomar todas as ações necessárias para fazer perguntas de uma lista preparada e percorrer uma sessão suavemente, sem erros ou confusões e estar confiante de poder fazê-lo.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard, em Abril de 1980.

TR 1-Q4B

NÚMERO: TR 1-Q4B (Só para estudantes não treinados no E-Metro).

NOME: Perguntas de Frases Inteiras (sem E-Metro).

POSIÇÃO: Estudante e treinador sentam-se de frente um para o outro, em lados opostos de uma mesa, se essa for a posição que o estudante toma quando usa esta tech em posto. Se o estudante fizesse as suas atividades de posto de pé, (como quando faz uma sondagem), então essa é a posição usada para o exercício. O E-Metro não é usado neste exercício, mas as ferramentas do posto do estudante, como uma pasta e impressos de sondagem, para um sondador, são preparados e usados. São usadas cópias do Livro de Exercícios do E-Metro.

PROPÓSITO: Treinar o estudante a fazer perguntas inteiras, que soem como perguntas, manejar qualquer Admin que possa ter de manejar numa entrevista (ou enquanto faz uma sondagem, etc.) e continuar a entrevista ao mesmo tempo.

COMANDOS: Comandos comuns do treinador dos exercícios de TRs. As Listas Preparadas do Livro de Exercícios do E-Metro; as perguntas nestes exercícios são redigidas de novo de modo que o item é a última

palavra; Exemplo: Lista 2 do Livro de Exercícios do E-Metro declara que a Pergunta de Assessment é "De que árvore gostas mais?". Esta é convertida, em cada pergunta, para "Gostas de _____?"; A Lista Preparada 4 é convertida para "Não gostas de _____?"; etc. Em cada caso é usada uma frase completa.

ÊNFASE DO TREINO: Presta-se especial atenção à capacidade do pc em fazer uma pergunta que soe como uma pergunta, em conformidade ao TR 1-Q1 e que soe natural. O exercício tem três partes:

1. Na primeira parte, concentra-se na capacidade de fazer a pergunta.
2. Na segunda parte concentra-se na capacidade do estudante de olhar para as perguntas escritas e depois fazê-las diretamente ao treinador, sem demoras de comunicação ou hesitações desnecessárias.
3. A terceira parte é para fazer as duas primeiras partes e manter o Admin da entrevista, tudo suave e precisamente, como também manter a entrevista a avançar.

FENÔMENO FINAL: Uma pessoa que pode tomar todas as ações necessárias para fazer perguntas de uma lista preparada e ter uma entrevista suavemente, sem erros ou confusões e estar confiante de poder fazê-lo.

TR 8-Q

NÚMERO: TR 8-Q.

NOME: ASSESSMENT DE TOM 40.

POSIÇÃO: A mesma do TR 8 quando o estudante está numa cadeira de frente para outra cadeira na qual está um cinzeiro, o treinador sentado ao lado do estudante numa terceira cadeira. Usa-se um cinzeiro quadrado.

PROPÓSITO: Transmitir o PENSAMENTO de uma pergunta para uma posição exata, um lugar amplo ou estreito, à escolha, que seja uma pergunta, com ou sem palavras.

COMANDOS: Para a primeira parte do exercício: És um cinzeiro? És feito de vidro? Estás aí sentado? Segunda parte do exercício: Mesmas perguntas silenciosamente. Terceira parte do exercício: És um canto? para cada canto do cinzeiro, verbalmente e com intenção ao mesmo tempo. Quarta parte do exercício: Qualquer pergunta aplicável, verbal e com intenção ao mesmo tempo, é colocada em zonas amplas ou estreitas, à escolha, no cinzeiro, partes exatas dele e no ambiente.

ÊNFASE DO TREINO: O treinador usa os comandos comuns de treino de TR. Existem quatro estádios para o exercício. O primeiro estádio é aterrarr o comando verbal dentro do cinzeiro. O segundo estádio é pôr a pergunta silenciosamente, com intenção total, dentro do cinzeiro. O terceiro estádio é dar o comando verbal com intenção silenciosa, ao mesmo tempo, em partes exatas do cinzeiro. O quarto estádio é fazer qualquer pergunta aplicável, verbalmente e com intenção, a qualquer parte pequena ou grande do cinzeiro, ou aos seus arredores, à própria escolha e vontade. O treinador aponta com o dedo ou com as mãos para indicar vários pontos ou localizações no espaço à volta do cinzeiro. O treinador também faz o estudante colocar pensamentos precisamente em áreas, pequenas ou grandes, acima da cabeça do estudante e por detrás das suas costas, pondo o seu dedo ou mãos nesses lugares. (O treinador não toca no corpo do estudante). No fim do exercício inteiro imagina o cinzeiro a dizer "Sim, sim, sim, sim" numa avalanche de sines para equilibrar o fluxo (na vida real as pessoas, pcs e E-Metros respondem e devolvem o fluxo).

FENÔMENO FINAL: A capacidade de aterrarr uma pergunta com intenção total numa área alvo exata, pequena ou grande, à escolha e de forma eficaz, quer seja verbal ou silenciosamente.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Abril de 1980, como um prolongamento de todo o trabalho anterior sobre intenção e Tom 40, como aplicado agora a perguntas e assessments.

TR 4/8-Q1

NÚMERO: TR 4/8-Q1 (TR 4 para Originação do pc, TR 8 para Intenção + Q para Pergunta, 1 para Primeira Parte).

NOME: Exercício de Sessão de Lista Preparada para Assessment em Tom 40.

POSIÇÃO: Estudante e treinador sentados à mesa, um em frente do outro, E-Metro montado e em uso, Admin de sessão, usando listas preparadas.

PROPÓSITO: Treinar um estudante a fazer todas as ações necessárias a uma sessão completa, suave e precisa usando listas preparadas e fazendo o Assessment destas listas em Tom 40.

COMANDOS: Os comandos do treinador são os comandos normais de TR de começar, Flunk, "É isso". Para o estudante, todos os comandos relacionados com o iniciar de uma sessão, dar um fator R, fazer assessment de uma lista preparada, manter a Admin, indicar qualquer item descoberto e terminar a sessão. O Livro de Exercícios do E-Metro para Listas Preparadas como no TR 1-Q4. Originações para o treinador conforme a Lista de Originações de Pc desse livro. "Aperta as latas", "Respira fundo e depois expira", "Esta é a sessão", "Vamos fazer o assessment de uma lista preparada" (assessment), "O teu item é _____" (indica qualquer F/N), "Fim do Assessment", "Fim da Sessão".

ÊNFASE DO TREINO: Permitir ao estudante que continue até ao seu primeiro erro, depois fazê-lo exercitar e corrigir esse erro e continuar. Finalmente, para concluir, deixa o estudante repassar a sequência inteira do exercício, do princípio ao fim três vezes sem erro ou Flunk para um passe final. Espera-se que o estudante não se vai enganar em quaisquer TRs ou utilização do E-Metro ou linguagem de sessão. Utilização do E-Metro pode ser finalmente verificada por um terceiro estudante ou vídeo. Todo o fazer de assessment deve ser no Tom 40 adequado com a intenção total colocada precisamente. O estudante não deve esperar para ver se o E-Metro tem leitura, mas pegar na leitura da última pergunta enquanto ele começa a próxima. O seu olhar pode ir da lista para o pc, mas durante todo o tempo deve envolver a lista, o E-Metro e o pc.

(Este exercício também seria o usado para os passes de fita ou vídeo pois inclui todos os elementos de utilização do E-Metro e TRs.)

FENÔMENO FINAL: Uma pessoa que pode fazer uma sessão de assessment impecável e produtiva, Tom 40.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Abril de 1980.

TR 4/8-Q2

NÚMERO: TR 4/8-Q2.

NOME: Assessment Tom 40 de Listar e Anular.

POSIÇÃO: A mesma do TR 4/8-Q1

PROPÓSITO: Ensinar o estudante a fazer ações de Listar e Anular com toda a utilização do E-Metro e Admin, usando Assessment Tom 40.

COMANDOS: Os comandos de TR normais do treinador. Duas cópias do Livro de Exercícios do E-Metro. Uma lista preparada é escolhida pelo treinador e ambos usam a mesma lista preparada. O estudante lê a pergunta e faz a pergunta e o treinador lê as respostas da mesma lista, mas na sua própria cópia. O estudante tem que escrever as respostas numa folha de trabalho de sessão apropriada e observa e escreve quaisquer leituras. (Uma F/N, se ocorrer, termina a lista.) O treinador não precisa usar toda a lista de respostas, mas só uma meia dúzia delas, escolhidas ao acaso. A sequência dos comandos é a mesma do TR 4/8-Q1 com exceção de que o fator R é "Vamos listar uma pergunta". E, se nenhum item tem F/N e nenhuma leitura significativa ocorre, a ação adicional de anular a lista é empreendida com o comando "Agora vou fazer o assessment da lista".

ÊNFASE DO TREINO: As leis do HCOB de 1 Ago. 68 de Listagem e Anulação, aplicam-se completamente pois estas são leis muito importantes e ignorá-las pode resultar em quebras de ARC graves, não tanto neste exercício, mas nas sessões reais. O treinador pode também solicitar que botões de supressão e invalidação sejam postos in em toda a lista. Todos os erros, omissões, hesitações e lapsos do Tom 40, por parte do estudante, são reprovados. Treina de forma semelhante ao TR 4/8-Q1. Passe é dado quando o estudante puder fazê-lo impecavelmente por três vezes consecutivas. (Este exercício pode ser usado para fitas e vídeos de Estágio para passes de fazer assessment e utilização do E-Metro.)

FENÔMENO FINAL: Uma pessoa capaz de fazer uma Lista de L&N impecável, como sessão ou como parte de sessão, todos os TRs in, com utilização perfeita do E-Metro e Admin adequado e usando Tom 40 ao listar e fazer assessment.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Abril de 1980.

SUMÁRIO

O propósito destes exercícios é treinar o estudante a fazer perguntas que obterão respostas e a fazer assessment de listas preparadas que vão ter leituras precisas. Se um estudante tem dificuldade ao fazer estes exercícios, isto terá na sua origem dados falsos, palavras mal-entendidas ou um TR anterior não passado, incluindo Doutrinação Superior ou os seus exercícios de utilização do E-Metro contidos no Livro de Exercícios do E-Metro. Se um resultado satisfatório não é obtido, as falhas nos itens acima deveriam ser localizadas e remediatas e estes exercícios repetidos. Se quaisquer omissões anteriores são descobertas e reparadas, e se estes exercícios são feitos honestamente, está garantido o aumento de sucesso como auditor (ou um sondador ou examinador ou oficial de ética).

Compilação aprovada de
Notas e Instruções de LRH
por Investigação e Compilação Técnica de LRH

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,
HCOB DE 5 DE ABRIL DE 1973
Reemitido e reinstalado 25.5.86

(Este HCOB foi incorretamente revisto por outro no dia 24 de Setembro de 1980, adicionando dados que não pertencem ao Axioma 28. Essa emissão, HCOB 5 Abr. 73R, Rev. 24.9.80, AXIOMA 28 EMENDADO, É por este CANCELADA. O HCOB original de 5 de Abril de 1973, AXIOMA 28 EMENDADO, e por este meio reemitido).

AXIOMA 28 EMENDADO

AXIOMA 28.

COMUNICAÇÃO É A CONSIDERAÇÃO E AÇÃO DE ENVIAR UM IMPULSO OU PARTÍCULA DE UM PONTO DE ORIGEM, ATRAVÉS DE UMA DISTÂNCIA, ATÉ UM PONTO DE RECEÇÃO, COM INTENÇÃO DE TRAZER À EXISTÊNCIA NO PONTO DE RECEÇÃO UMA DUPLICAÇÃO E COMPREENSÃO DAQUELO QUE EMANOU DO PONTO DE ORIGEM.

A fórmula da Comunicação É: Causa, distância, Efeito, com intenção, atenção e duplicação COM COMPREENSÃO.

As partes componentes da Comunicação são Consideração, Intenção, Atenção, Causa, Ponto de Origem, Distância, Efeito, Ponto de Receção, Duplicação, Compreensão, a Velocidade do impulso ou partícula, Nada ou Algo. Uma não Comunicação consiste de Barreiras. Barreiras consistem de Espaço. Interposições (como paredes e Écrans de partículas em movimento rápido) e Tempo. Uma comunicação, por definição, não tem de ser nos dois sentidos.

Quando uma Comunicação É retornada, a fórmula É repetida, com o ponto de receção tornando-se agora um ponto de origem e o ponto de origem anterior tornando-se agora o ponto de receção.

L. RON HUBBARD
Fundador

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

SOLAR DE ST. HILL, GRINSTEAD ORIENTAL, SUSSEX,

HCOB DE 6 DE DEZEMBRO DE 1973

Remimeo

C/S Série 90

O FRACASSO PRIMÁRIO

Referências:

HCO B 28 Fev.1971, C/S Série 24, "Medir Itens Reagentes", e

HCO B 15 Ou. 1973, C/S Série 87, "Nulificar e Flutuar Listas Preparadas"

Um C/S que não pode obter um resultado nos seus Pcs achará a maior e mais usual melhoria manejando a fraca VERIFICAÇÃO do Auditor.

Nós dizíamos que "os TRs do Auditor estavam fora" como razão mais fundamental da falta de resultados.

Isto não é bastante específico.

A RAZÃO MAIS COMUM PARA SESSÕES FALHADAS É A INABILIDADE DO AUDITOR PARA OBTER LEITURAS NAS LISTAS.

Repetidas vezes eu conferi esta base como razão real.

Tornou-se evidente que quando a pessoa pôde pegar em quase qualquer lista "nula" (nenhuma leitura) da pasta de um Pc e a deu, e o Pc, a um Auditor que a PUDESSE verificar, obteria belas leituras e ganhos consequentes.

Exemplo: o Pc tem um TA alto. C/S ordena uma C/S 53RF. A lista é nula. O Pc continua com o TA alto. O C/S fica inventivo, o caso afunda-se. Outro C/S e outro Auditor pegam no mesmo Pc, na mesma lista, obtém boas leituras e maneja. O caso voa novamente.

O que estava errado era:

(a) O TR 1 de O Auditor era terrível.

(b) O Auditor não sabia usar o e-metro.

REMÉDIO

Pegar nas duas referências de HCOBs acima inspecionando completamente os seus pontos no Auditor em falta.

O C/S corrige o TR 1 do Auditor. Ao fazer este último pode encontrar-se uma razão para um TR1 fora, como a noção de que uma pessoa deve usar uma fala suave para ficar em ARC, ou o Auditor imitar algum outro Auditor cujo TR 1 é defeituoso.

QUAL CRAMMING

Pode acontecer que estas ações sejam dadas como feitas em Qual e o Auditor ainda falhar.

Neste caso o C/S tem que corrigir o Cramming de Qual usando os HCOBs acima referidos no Oficial de Cramming, desembaraçando e corrigindo as ideias do TR1 do Oficial de Cramming.

REQUISITOS

São precisos metria correta e IMPACTO para fazer uma lista ler.

Se o auditor não os tem, então listas de drogas, listas de Dianética, listas de correção, é tudo para nada.

Como a lista preparada é o utensílio principal do C/S para descobrir e corrigir o fracasso dum auditor em fazer uma lista responder ou anotá-la, então derrota completamente o C/S.

RESUMO

O ERRO DE UM AUDITOR INCAPAZ DE FAZER UMA LISTA LER NUM E-METRO, É UMA CAUSA PRIMÁRIA DE FRACASSO DO C/S.

Para vencer, corrija!

L. RON HUBBARD

Fundador

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,
HCOB DE 28 DE FEVEREIRO DE 1971

Remimeo

Checksheet de Auditor de HGC

Checksheet Nível 0 da Academia

Checksheet do curso de Dn

IMPORTANTE

Série C/S 24

MEDIÇÃO DE ITENS COM LEITURA

NOTA: Observações que recentemente fiz ao manejar a linha de C/S resultaram numa clarificação necessária do assunto "um item ou pergunta com reação" o que melhorou definições anteriores e salvou alguns casos.

Pode ocasionalmente acontecer que o auditor deixe passar uma reação num item ou pergunta e não a percorrer porque "não tem reação". Isto pode penosamente pendurar um Pc, se o item ou pergunta teve de facto reação. Isso não é manejado e fica registado como "sem leitura" quando de facto, leu SIM.

POR ISSO, TODOS OS AUDITORES DE DIANÉTICA CUJOS ITENS OCASIONALMENTE "NÃO LEEM" E TODOS OS AUDITORES DE CIENTOLOGIA QUE TÊM PERGUNTAS DE LISTA QUE NÃO LEEM DEVEM SER VERIFICADOS NESTE HCOB EM QUAL OU PELO C/S OU SUPERVISOR.

Estes erros pertencem à classe de Erros Grosseiros de Audição pois eles afetam a metria.

1. Diz-se que um item ou pergunta "lê" quando a agulha cai. Não quando ela pára ou abranda numa subida. Um tique é sempre anotado e em alguns casos torna-se uma leitura ampla.
2. A leitura é tomada da primeira vez que o pc fala ou quando a pergunta é clarificada. É ESTE o momento válido da leitura. Ela é devidamente marcada (mais qualquer BD). ESTA reação define *o que* é um *item ou pergunta reagente*. VOLTAR A VERIFICAR SE REAGE NÃO É UM TESTE VÁLIDO pois a carga superficial pode ter desaparecido, mas o item ou pergunta ainda percorrerá ou listará.
3. Independentemente de quaisquer afirmações ou material anterior sobre ITENS REAGENTES, um item não tem que reagir só quando o auditor o profere para ser um item válido para percorrer engramas ou para listagem. O teste é: ele leu quando o pc o disse a primeira vez, quando o originou ou quando o clarificou?
4. O facto de um item ou pergunta ter sido marcada como tendo lido, é razão suficiente para o percorrer ou usar ou listar. O interesse do pc, em Dianética, é também necessário para o percorrer, mas o facto de ele não ter lido *de novo* não é razão para não o usar.
5. Ao listar itens o auditor tem que ter um olho no e-metro, NÃO necessariamente no pc e tem que anotar a extensão da leitura e qualquer BD e tamanho, na lista que está a marcar. ISTO é suficiente para ser considerado um "item reagente" ou "pergunta reagente".
6. Ao clarificar uma pergunta de listagem o auditor vigia o e-metro, NÃO necessariamente o pc e anota qualquer leitura que ocorra enquanto clarifica a pergunta.
7. Uma chamada adicional do item ou pergunta para ver se lê, é desnecessária e não é uma ação válida se o item ou pergunta tiver lido na originação ou clarificação.
8. O facto de um item estar marcado como tendo lido numa lista anterior de Dianética é suficiente (verificando também interesse) para o percorrer sem mais nenhum teste de leitura.

9. Deixar de observar uma leitura numa originação ou clarificação é um Erro Grosseiro de Audição.
10. Deixar de marcar na lista ou folha de trabalho a leitura e qualquer BD observado durante a originação do pc ou clarificação da pergunta é um Erro Grosseiro de Audição.

VISÃO

Os auditores que perdem leituras ou têm uma visão deficiente deverão ser examinados e usar óculos apropriados, ao auditar.

ÓCULOS

Os aros de alguns óculos podem impedir a visão do e-metro, quando o auditor está a olhar para a folha de trabalho ou para o pc.

Se for o caso, os óculos devem ser trocados por outros com visão mais ampla.

VISÃO AMPLA

Espera-se de um bom auditor que ele veja o seu e-metro, o pc e a folha de trabalho, tudo ao mesmo tempo. Seja o que for que ele faça ele tem sempre que notar qualquer movimento do e-metro se a agulha mexer.

Se ele não puder fazer isto tem que usar um e-metro Azimute e não colocar papel sobre o vidro, mas fazer a folha de trabalho olhando através do vidro para a caneta e papel, o conceito original do e-metro Azimute. Então mesmo enquanto escreve ele vê a agulha a mexer pois ela está na sua linha de visão.

CONFUSÕES

Toda e qualquer confusão sobre o que é um "item reagente" ou "pergunta reagente" deverá ser limpa a fundo em qualquer auditor, pois tais omissões ou confusões podem ser responsáveis por casos pendurados e reparações desnecessárias.

NÃO REAÇÃO

Qualquer comentário de que um item ou pergunta "não reagiu" deve ser imediatamente posto em causa por um C/S e verificar o auditor neste HCOB.

Na verdade, não leituras, um item ou pergunta não reagente, significa um item ou pergunta que *não* leu quando originado ou clarificado e também não leu quando proferido.

Podemos ainda proferir um item ou pergunta para obter uma leitura. Se agora ler, tudo bem. Mas se nunca leu, o item não correrá e a lista não produzirá qualquer item.

Não é proibido proferir um item ou pergunta para a testar. Mas é uma ação inútil se o item ou pergunta ler ao ser originada pelo pc ou ao ser clarificada com ele.

IMPORTANTE

Se os dados deste HCOB não forem sabidos podem provocar fracassos. Por isso têm que ser verificados nos auditores.

L. RON HUBBARD

Fundador

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
SOLAR DE ST. HILL, GRINSTEAD ORIENTAL, SUSSEX,
HCOB DE 15 DE OUTUBRO DE 1973RC
Re-rev. 26 Jul. 86

Série C/S 87RC

NULIFICAR E FLUTUAR LISTAS PREPARADAS

Uma lista preparada é aquela que é emitida em HCOBs e usada para corrigir casos. Existem muitas. Notável entre elas é a C/S 53 e suas correções.

É por vezes pedido ao auditor para flutuar uma certa lista. Isto significa que, ao fazer a chamada de toda a lista, item por item, eles deem F/N.

À PRESSA

É errado pensar que temos que apressar uma lista preparada e "levá-la até F/N à pressa". Uma lista preparada deve sempre ser executada de forma a obter ótimos resultados no Pc.

Se uma lista preparada revelar mais coisas para manejar, devem então ser manejadas. Por exemplo, se "engrama em restimulação?" ler, o manejo seria uma L3RG e manejar as leituras. (Aviso: não correríamos Dianética num Clear ou OT. Para um Clear, verificaríamos uma L3RG indicando simplesmente a leitura. Para um OTIII ou acima, a L3RG seria manejada conforme HCOB 4 Jul. 79, MANEJO E CORREÇÃO DE LISTAS EM OTs).

Se algo saltar à vista numa lista preparada, manejamo-lo.

Se virmos que é necessária mais ação, ela deve ser programada para manejo posterior, conforme as instruções da lista.

C/S SÉRIE 53

Uma C/S Série 53 é sempre feita Método 5. Quando fazemos uma C/S 53 até lista Flutuante, é verificada pelo Método 5 e depois reverificada pelo Método 5 até toda a lista flutuar. Nunca é feita Método 3.

LISTAS "NÃO REAGENTES E NÃO FLUTUANTES"

De vez em quando temos a extrema raridade duma lista selecionada para exatamente resolver o caso, não ler, mas não flutuar.

Claro que isto poderia acontecer se a lista não se aplicasse ao caso (como uma lista preparada de OT usada no grau IV: proibidíssimo). No caso de listas para corrigir listagens e da C/S Série 53 em particular, é quase impossível ocorrer esta situação.

Um C/S verá com frequência que o auditor fez a verificação da lista, não obteve quaisquer leituras e a lista não flutuou.

Um C/S "razoável" (proibidíssimo) deixa passar isto.

Ele tem contudo à sua frente a maior prova que o auditor:

1. Tem TRs fora em geral.
2. Não tem qualquer impacto com o TR1.
3. Está a colocar o e-metro numa posição incorreta na sessão de audição não podendo assim vê-lo, ver ao Pc e ver a Folha de Trabalho.
4. Tem uma visão deficiente.

Uma ou mais destas condições existirá de certeza.

Não fazer nada sobre isto é pedir catástrofe após catástrofe, com Pcs e a autoconfiança do C/S gravemente deteriorados.

Há um espantoso número de auditores que não pode fazer reagir uma lista preparada, por uma das razões acima.

Aplicando Suprimido, Invalidado ou Palavras mal-entendidas à lista, não só obterá uma leitura, mas também a lista flutuará. Se uma lista não flutuar, então o assunto da lista ainda está carregado, ou o auditor está a fazer algo incorreto com a lista.

A moral desta história é que, listas que não leem, flutuam. Quando listas preparadas que não leem não flutuam, ou quando o auditor não consegue flutuar uma lista preparada, estão presentes sérios erros de audição que derrotarão o C/S.

No interesse de uma obtenção de resultados e de ser gratificante para os Pcs, o C/S sabedor nunca deixa passar esta situação sem indagar do que se trata.

L. RON HUBBARD

Fundador

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 4 DE DEZEMBRO DE 1978

C/Ses

Auditores Classe III e acima

Supervisores

Oficiais de Cramming

COMO LER ATRAVÉS DE UMA F/N

(Ref: HCOB 15 Out. 73RB, C/S Série 87RB, NULIFICAR E FLUTUAR LISTAS PREPARADAS)

AO LEVAR UMA LISTA A UMA VERIFICAÇÃO FLUTUANTE, UM AUDITOR DEVE SABER LER ATRAVÉS DE UMA F/N.

Esta é uma perícia que, até este momento, só foi usada de rotina por auditores altamente treinados, ou alguns Classe IIIs muito astutos ou IVs ou acima. Mas com as dificuldades que os auditores têm tido em flutuar listas preparadas, torna-se óbvio que, de Classe III para cima, todos os auditores devem ser treinados a ler o e-metro através de uma F/N.

É a resposta a quase toda e qualquer dificuldade que um auditor teve ao levar uma lista a uma verificação flutuante.

Uma F/N acelera ou abranda, ou faz coisas diferentes enquanto ainda permanece uma F/N, e a pessoa pode ler através dela.

Procede-se do seguinte modo: a oscilação da agulha (a flutuar de um item anterior) tem inércia e tenderá a obscurecer a leitura de outro item. Quase a obscurecerá, mas não totalmente. Você verá a F/N "suspenso" ou abrandar brevemente e então continuar significando isto que você tem ali um item quente. Qualquer item que provoque a "suspenso" de uma F/N será um item quente. O auditor que sabe ler através de uma F/N localizará isto e manejará o item logo ali. Então continua pela lista abaixo sem perder nada, manejando o que houver para manejá-lo, e, com esta metria qualificada, levá-la a uma lista genuinamente flutuante na verificação. E não necessariamente leva dias ou mesmo várias sessões para o fazer.

Se um auditor não sabe ler através de uma F/N, perderá isto. Ele vai pela lista abaixo, a F/N "suspenso" ou abranda, ele não vê, logo passa à frente. Então, nos próximos itens a F/N morre. Ele vai passar um mau bocado para flutuar essa lista, porque agora ficou com uma leitura suprimida.

Exemplo:

O auditor começa a verificação com uma F/N que permanece à medida que dá os itens pela lista abaixo. No, digamos, item 5, a F/N "suspenso" ou abranda brevemente. O auditor não sabe ler através de uma F/N logo, perde isto e passa à frente. Por volta do 6º ou 7º item a F/N suspende e o auditor fica perplexo porque a F/N se dissipou, mas também não obteve leituras nos itens 6 ou 7. Ou pode tomar a extinta F/N como leitura nos itens 6 ou 7 e tentar pegar num deles. De qualquer modo já está em apuros por ter perdido o verdadeiro item, e pode até tentar manejá-lo errado. Vai ser-lhe difícil levar essa lista a uma verificação flutuante.

A ação correta, quando uma F/N suspende deste modo, é voltar atrás na lista e reverificar os últimos itens para encontrar a leitura perdida. Mas é preciso saber ler através de uma F/N.

Provavelmente a razão principal do transtorno ou protesto do Pc contra "sobre reparações" e muitos manejos com listas de reparação, reside apenas neste fator; o facto do auditor não saber ler através de uma F/N. Por isso ele perde os itens carregados e pega em itens sem carga, e a reparação continua interminavelmente, uma vez que as linhas carregadas não são encontradas e manejadas.

Esta também é provavelmente a razão porque há auditores que se furtam a flutuar uma lista. Eles "sabem" por experiência que é um assunto laborioso.

A verdade é que não é necessário esforço para um auditor levar uma lista a uma verificação flutuante. Simplesmente requer bons TRs e metria qualificada, incluindo a capacidade de ler através de F/Ns.

Um auditor pode ser treinado a ver uma leitura através de uma F/N. O exercício seria sentá-lo diante de um e-metro com um estudante flutuante nas latas, e verificar-lo nas listas preparadas do *Livro de Exercícios de E-metro*, notando cada vez que obtém uma "suspenção" ou "redução" ou qualquer mudança numa F/N, contínua ou não. Ele achará que pode ler através de uma F/N, torna-se perito nisso e daí em diante não falhará.

Teremos um auditor confiante na sua capacidade de flutuar uma lista, precisa e completamente, em metade do tempo (e trauma) do que, de contrário, levaria.

E de longe muito menos Pcs "sobre reparados". (Pcs "sobre reparados" são usualmente Pcs com leituras verdadeiras perdidas, e leituras falsas tomadas por boas. Logo, a "sobre reparação" é realmente "má reparação" ou "não reparação").

Esta é metria no seu melhor e mais exato. Esperamos agora a melhor e mais exata metria do auditor que flutua listas preparadas.

L. Ron Hubbard

Fundador

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
Saint Hill Manor, East Grinstead, Sussex

Boletim do HCO de 1 de agosto de 1968

Mimeografar

*CLASSE III, SOLO VI & VII, ACADEMIA E SHSBC
REVISÃO REQUERIDA PARA SOLO E VII*

(compilado de anteriores HCOBs e fitas do início
dos anos 60 para dar os dados exatos e estáveis)

AS LEIS DE LISTAGEM e ANULAÇÃO

(Verificação com asterisco. Atestações não autorizadas,
demos de plasticina e demonstrações exigidas)

As seguintes leis são as ÚNICAS regras importantes de listagem e anulação. Se um auditor não as sabe ele irá destruir PCs total e terrivelmente. Um auditor que não sabe e não consegue aplicá-las não é um auditor de nível III.

LEIS

1. A definição de uma lista completa é uma lista que tem somente um item a reagir na lista.
2. Um TA subindo significa que a lista está sendo listada demais (muito longa).
3. A lista pode ser listada de menos e, nesse caso, nada pode ser encontrado na anulação.
4. Se depois de uma sessão o TA ainda está muito elevado ou sobe, foi encontrado um item errado.
5. Se o pc diz que é um item errado, é um item errado.
6. A pergunta deve ser verificada e deve ler como pergunta antes de ser listada. Um item listado de uma pergunta sem leitura dará um "Cavalo Morto" (nenhum item).
7. Se o item estiver na lista e nada ler na anulação, o item está suprimido ou invalidado.
8. Numa lista suprimida, ela deve ser anulada com suprimido:
"Em.... alguma coisa foi suprimida."
9. Num item que está suprimido ou invalidado a leitura irá transferir-se exatamente do item para o botão e quando o botão é posto no item, este lerá novamente.
10. Um item de uma lista listada de mais muitas vezes está suprimido.
11. Na ocasião de você passar por cima do item na anulação, todos os itens subsequentes lerão, a um ponto, em seguida, onde tudo na lista irá ler. Neste caso apanhe o primeiro item que leu na primeira anulação.
12. Uma lista listada de mais ou de menos irá quebrar o ARC do pc e ele pode recusar-se a ser auditado até que a lista seja corrigida, pode ficar furioso com o auditor e assim permanecerá até que seja corrigida.
13. Listagem e anulação ou qualquer audição por cima de uma Quebra ARC sem manejamento primeiro da quebra de ARC, tal como corrigir a lista ou localizando-o de qualquer modo, irá colocar o pc num efeito de "tristeza".
14. Um pc cuja atenção está noutra coisa qualquer, não vai listar facilmente. (Liste e anule somente com os rudimentos dentro no pc).

15. Um auditor cujos TRs estão fora tem dificuldade em listagem e anulação e em encontrar itens.
16. Erros de listagem e anulação na presença de violações do código do Auditor podem desestabilizar um pc.
17. A falta de uma pergunta de listagem específica ou uma pergunta de listagem incorreta que não pede realmente um item, vai lhe dar mais de um item com leitura na lista.
18. Você pára as ações de listagem e anulação quando uma agulha flutuante aparece.
19. Dê sempre ao pc o item dele e circule-o claramente na lista.
20. Listagem e anulação são ações de audição altamente exatas e, se não forem feitas exatamente de acordo com as leis, podem provocar um tom baixo e ganhos de caso lentos, mas, se feitas corretamente e exatamente pelas leis e com boa audição, em geral irão produzir os ganhos mais altos atingíveis.

Nota: Não existem variações ou exceções ao acima.

(Não altera o procedimento de Power 5A.)

Fracasso em conhecer e aplicar este boletim resultará na atribuição de condições muito baixas visto que estas leis, se não conhecidas ou seguidas, podem interromper os ganhos de caso.

L. RON HUBBARD
Fundador

LRH :jp js.cden

Copyright © 1968 por L. Ron Hubbard
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,
HCOB DE 11 DE ABRIL DE 1977

CORREÇÃO DE ERROS DE LISTAGEM

Foi descoberto que a correção de listas, uma peça de tech muito vital, tem sido fonte de confusões no campo visto aparentemente nunca ter sido posta por escrito numa publicação. É realmente simples se soubermos as leis de L&N.

ANALISAR UMA LISTA

O procedimento correto para analisar L&Ns passados é rever os itens quanto a serem ou não os corretos. Depois, fazer a L4BRA em cada lista onde o item se verificou ser incorreto. Teríamos que orientar o Pc para a pergunta de listagem e item. Não se dirija à pergunta para ver se reage. E não faça simplesmente uma L4BRA sem depois encontrar o item *correto* para o Pc como parte do manejo (a menos que a pergunta se mostre descarregada, ou algo assim).

ANULAR UMA LISTA

Uma lista é Anulada quando não se obtém um item BD F/N na listagem. As leis de L&N aplicam-se estritamente. Usaríamos um L4BRA se a ação atascasse sem ter ainda sido encontrado qualquer item. Nulificáramos também listas que o Pc fez onde não tenha sido encontrado qualquer item, tal como numa 2WC que se converteu numa ação de listagem com o Pc a debitar itens, ou numa lista que o Pc de algum modo fez sem e-metro. Nestes casos não há itens (corretos) a verificar com o Pc. Metemos simplesmente os itens numa lista, determinamos com o Pc a pergunta se ainda não foi anotada e nulificamos a lista.

RECONSTRUIR UMA LISTA

Por vezes não temos simplesmente a lista e não a podemos obter, ou é um velho *Encontrar o Porquê*, ou entrevista PTS da qual não há folhas de trabalho. Neste caso obtemos do Pc a pergunta e depois mandamo-lo dar os itens que já estavam na lista, pois o item já estava provavelmente nessa mesma lista e não queremos que o Pc liste de novo a pergunta em PT entrando numa situação de sobre listagem. Mandamo-lo simplesmente dar os itens que ele já tinha posto na lista e, na maioria das vezes, obtemos um item BD F/N. Se não obtiver o item dessa maneira pode acrescentar a lista.

AUTO LISTAGEM

Cuidado com isto, pois cada pensamento ao acaso que a pessoa tenha sobre “o porquê disto, o porquê daquilo” não quer dizer que seja “Auto listagem”. Mas procure-a numa pessoa que manifesta a horrível BPC que uma lista-fora pode gerar, que está introspetiva ou que tentou calcular quem a entalou logo após ter visto o Oficial de Ética. Não se meta a fazer uma lista a partir de alguma pergunta de listagem não standard que nunca dará um item. E, na verdade, a razão usual da Auto listagem é um item incorreto de L&N anterior, ou um item não encontrado. As pessoas fazem Auto listagem para encontrar o item correto. Por isso encontre a lista-fora anterior.

FÚRIA EM CORREÇÃO DE LISTAS

Quando procedemos à correção de listas e de repente levamos com uma grande explosão de fúria do Pc, que não está a resolver nada com a lista que estamos a corrigir, melhor será reparar logo que provavelmente não estamos a corrigir a lista-fora, e melhor será descobrir essa lista. Existe usualmente uma lista-fora anterior a ser encontrada, quando a que estamos a corrigir não resolve a perturbação.

LISTAS SEM LEITURA

Quando começa a obter listas chave, como as do Grau III e IV, sem leitura e sem encontrar itens, é tempo de o auditor fazer uma revisão minuciosa do seu manejo de e-metro, da sua visão, e tirar todos os MUs sobre L&N. Também pode estar a preparar o Pc para uma situação de Auto listagem, pois foi-lhe feita a pergunta de listagem, mas nenhum item foi encontrado. Tenha, pois, bem a certeza de que a pergunta não leu mesmo com Suprimido e Invalidado, e que os TRs estavam dentro antes de deixar um processo chave de L&N.

USO DA L4BRA

A lista preparada L4BRA corrige listas de L&N. Pode ser corrida em listas antigas, correntes e listagem geral. Quando um Pc fica doente depois de uma sessão de L&N ou até três dias depois, suspeite sempre de um erro numa ação de listagem feita no Pc e corrija essas listas.

O erro é por vezes óbvio face às leis de L&N. Podiam por exemplo restar na lista dois itens com leitura, caso em que saberia dever acrescentar a lista, uma vez que foi sub-listada. Se isto não desse, seria então feita um L4BRA na lista.

MANEJAR UMA L4BRA

Manejamos as perguntas reagentes numa L4BRA seguindo as instruções que se encontram por baixo da pergunta que reagiu. Não fazemos simplesmente 2WC destas perguntas. Digamos, por exemplo, a pergunta 4 lê na L4BRA. "Uma lista está incompleta? SF" Você então pergunta: "Que lista é que está incompleta?" Localiza-a e completa-a até um item BD F/N. Não fazemos simplesmente 2WC até F/N deixando assim "listas incompletas".

A propósito, na L4BRA falta um item que é: "Era o primeiro item da lista?" Isto vai ser acrescentado pois é muito comum ser o primeiro item e muito frequentemente perdido.

FAZÊ-LO CORRETAMENTE

Uma lista-fora pode causar num Pc um inferno mais negro do qualquer outro erro de audição. Por isso é imperativo que os erros de listagem sejam devidamente corrigidos.

A melhor coisa a fazer é ter as leis de L&N exercitadas linha a linha e a frio, e simplesmente fazê-lo corretamente antes de mais nada. Então logo se verá onde as listas anteriores violaram estas leis e se nós próprios não estaremos a fazer listas que mais tarde tenham que ser corrigidas.

L. RON HUBBARD

Fundador

SECÇÃO QUATRO

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,
HCOB de 14 de MARÇO de 1971R
Revisto a 24 de Julho de 1973

Remimeo

LEVA TUDO ATÉ F/N

Sempre que um auditor obtenha uma leitura num item proveniente de um Rud ou de uma lista preparada (L1B, L3A, L4B, etc., etc.) ELA DEVE SER LEVADA ATÉ UMA F/N.

Caso isso não se faça, deixamos o pc com uma by-passed charge.

Quando um pc teve várias leituras em diversas listas sem que nenhuma destas leituras tenha sido levada até F/N, pode acontecer que ele seja abatido ou deprimido, sem nenhuma razão aparente. Como FIZEMOS as listas sem levar cada item até F/N, perguntamo-nos o que será que vai mal agora.

O erro consiste em limpar os itens que deram leitura durante os ruds ou nas listas preparadas até que não deem leitura, sem as levar até F/N.

Esta ação (entre tantas outras igualmente apuradas) é o que torna a audição de Flag tão agradável e é o que faz realmente da audição de Flag aquilo que ela é.

A primeira vez que um auditor experimente fazê-la, é muito possível que acredite ser impossível.

No entanto é simples como água. Se se conhecer a estrutura do banco, sabe-se que é indispensável encontrar um item anterior no caso onde qualquer coisa não se liberta. A leitura encontrada numa lista preparada *daria* uma F/N, se se tratasse de um lock de base. Por isso, se não dá F/N, é porque existe um lock anterior (ou anterior ou anterior) que impede a F/N.

De onde resulta a REGRA:

NUNCA SE ABANDONA UM ITEM QUE DÁ UMA LEITURA NUM RUDIMENTO OU NUMA LISTA PREPARADA, ENQUANTO NÃO FOR LEVADA (ANTERIOR SEMELHANTE) ATÉ UMA F/N.

Exemplo: Quebra de ARC dá uma leitura. O pc diz do que se trata, o auditor faz ARCU CDEINR. Se não obtém F/N, o auditor pergunta uma quebra de ARC anterior e semelhante, obtém-na, faz ARCU CDEINR, etc., até obter uma F/N.

Exemplo: PTP dá uma leitura. Leva-se a A/S (anterior semelhante) até que um PTP dê F/N.

Exemplo: L4B: "Um item foi-te recusado?" Leitura. Resposta. Nada de F/N. "Existe um item anterior semelhante recusado?" Resposta. F/N. Passa-se ao item seguinte da lista que deu leitura.

Exemplo: Assessment de G/F uma vez por inteiro para encontrar leituras. O C/S seguinte deve consistir em levar até uma F/N todos os itens que deram leitura, por meio da 2WC ou outro processo.

Existe ainda uma regra ainda mais geral:

TODO O ITEM QUE DÁ UMA LEITURA DEVE DAR UMA F/N.

Em Dianética obtém-se a F/N depois de percorrer os secundários ou os engramas A/S até apagar, F/N, Cog, VGIs.

Nos ruds, cada rud fora que dá leitura é auditado A/S até F/N.

Numa lista preparada, leva-se cada leitura até F/N ou A/S até F/N.

Numa lista LX, audita-se cada cadeia correspondente a um fluxo até F/N.

No GF, obtém-se uma F/N por meio de um processo ou de outro.

Numa listagem efetuada segundo as leis do listing e nulling, o último item da lista deve dar uma F/N.

Eis então uma outra regra:

CADA AÇÃO MAIOR E MENOR DEVE SER LEVADA ATÉ UMA F/N.

Não há nenhuma exceção.

Toda a exceção deixa by-passed charge no pc.

E mais, cada F/N é indicada no final da ação quando se obtém a Cog.

Se se revelar uma F/N cedo demais (de supetão), corta-se a cognição e deixa-se by-passed charge (cognição suprimida).

Poderia pegar numa pasta qualquer e anotar simplesmente os itens que reagiram nos ruds e nas listas preparadas, depois auditar o pc, levar cada item até F/N, corrigir todas as listas que se revelaram mal feitas e acabar terminar com um pc brilhante, sossegado e calmo.

Por isso, "Existe carga deixada nos itens que reagiram?" seria uma pergunta chave para um caso.

Em presença de um TA alto ou baixo, a utilização de listas ou de ruds que não convêm a TAs altos e baixos, darão itens que reagirão e que não darão F/N.

Eis, então, outra regra:

NÃO TENTAR NUNCA FAZER FLUTUAR RUDS OU FAZER UMA L1B EM PRESENÇA DE UM TA ALTO OU BAIXO.

Pode fazer-se falar o pc para que o TA desça (ver boletim "Como fazer falar o pc para fazer descer o TA").

Senão pode fazer-se o Assessment de uma L4B.

As únicas listas preparadas que se podem usar são o novo boletim 710313, TA alto-baixo, e talvez uma GF+40 uma vez por inteiro para encontrar a maior leitura. A maior leitura será acompanhada de um Blowdown e poderá provavelmente ser levada até F/N. Se isso acontecer maneja-se todos os outros itens que reaqiram.

Os erros mais frequentes neste caso são:

Não levar uma leitura anterior semelhante mas simplesmente verificá-la e abandoná-la como estando "limpa".

Não usar “suprimido” e “falso” nos itens.

E, claro, deixar o pc acreditar que as coisas ainda têm carga ao deixar de indicar a F/N.

Indicar a F/N antes da Coq.

Não reexaminar a pasta para manejar os ruds e os itens que reagiram e que foram declarados “limpos” ou simplesmente abandonados.

Um pc auditado sob a tensão de TRs medíocres tem dificuldades e chega a não ter F/Ns, o que arrisca a provocar Overrun.

Eis, portanto as regras a seguir para que os pcs sejam felizes:

BONS TRs.

LEVAR ATÉ F/N TUDO O QUE FOI ENCONTRADO NOS RUDS E NAS LISTAS.

AUDITAR EM PRESENÇA DE UM TA DENTRO DA ZONA NORMAL OU REPARÁ-LO A FIM QUE ELE VERDADEIRAMENTE SE ENCONTRE NA ZONA NORMAL.

L RON HUBBARD

Fundador

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,
HCOB DE 19 DE MARÇO DE 1971

Remimeo

LISTA - 1 - C

L1C

(Cancela as Listas L1 anteriores,
como o HCOB de 8 Ago 70)

Usada pelos auditores, em sessão quando ocorre uma perturbação ou conforme ordenado pelo C/S/.

Maneja pcs com Quebras de ARC, Tristes, Desesperados ou Más-línguas.

As perguntas podem ou não ser prefaciadas com "Recentemente", "Nesta vida", "Em toda a banda".

NÃO SE USA EM TA ALTO. PARA O BAIXAR USA-SE UMA LISTA DE TA ALTO-BAIXO.

PEGUE EM TODOS OS ITENS COM LEITURA OU NAS RESPOSTAS VOLUNTÁRIAS, vá a Anterior Semelhante até F/N, à medida que as leituras ocorrem.

L1C

1. Houve um erro de listagem?

(Se este tiver leitura, muda para L4B imediatamente).

2. Uma contenção foi tocada?

3. Alguma emoção foi rejeitada?

4. Alguma afinidade foi rejeitada?

5. Uma realidade foi recusada?

6. Uma comunicação foi cortada?

7. Uma comunicação foi ignorada?

8. Uma rejeição de emoção anterior foi reestimulada?

9. Uma rejeição de afinidade anterior foi reestimulada?

10. Uma recusa de realidade anterior foi reestimulada?

11. Uma comunicação ignorada anterior foi reestimulada?

12. Algo foi mal-entendido?

13. Alguém foi mal compreendido?

14. Um mal-entendido anterior foi restimulado?

15. Alguns dados estavam confusos?

16. Houve um comando que não comprehendeste?

17. Houve alguma palavra da qual não sabias o sentido?

18. Houve alguma situação que não apreendeste?

19. Houve um problema?

- | | | | |
|---|-------|-------|-------|
| 20. Foi dada uma razão errada para uma perturbação? | _____ | _____ | _____ |
| 21. Um incidente semelhante ocorreu anteriormente? | _____ | _____ | _____ |
| 22. Algo foi feito diferentemente do que tinha sido dito? | _____ | _____ | _____ |
| 23. Um objetivo foi frustrado? | _____ | _____ | _____ |
| 24. Alguma ajuda foi rejeitada? | _____ | _____ | _____ |
| 25. Uma decisão foi tomada? | _____ | _____ | _____ |
| 26. Um engrama foi restimulado? | _____ | _____ | _____ |
| 27. Um incidente anterior foi restimulado? | _____ | _____ | _____ |
| 28. Houve uma mudança brusca de atenção? | _____ | _____ | _____ |
| 29. Algo te espantou? | _____ | _____ | _____ |
| 30. Uma percepção foi impedida? | _____ | _____ | _____ |
| 31. Uma boa vontade não foi reconhecida? | _____ | _____ | _____ |
| 32. Não houve audição? | _____ | _____ | _____ |
| 33. Ficaste Exterior? | _____ | _____ | _____ |
| 34. Houve ações interrompidas? | _____ | _____ | _____ |
| 35. Houve ações que continuaram por demasiado tempo? | _____ | _____ | _____ |
| 36. Houve dados invalidados? | _____ | _____ | _____ |
| 37. Alguém avaliou? | _____ | _____ | _____ |
| 38. Algo foi Overrun? | _____ | _____ | _____ |
| 39. Houve uma ação desnecessária? | _____ | _____ | _____ |

L. Ron Hubbard
Fundador

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,
BOLETIM DO HCO DE 23 DE JULHO AD19

Remimeo

POLÍTICAS DE ATRIBUIÇÃO DE AUDITORES

Costumava-se ouvir os auditores queixarem-se, "os Cientologistas são mais difíceis de auditar do que os pcs novos". Sabemos agora a resposta para isto. Trata-se da velocidade do Auditor. Quando um auditor se queixa disso, ele está revelando que é um auditor lento.

A Dianética e a Cientologia (demonstrado em ensaios cuidadosamente controlados) aceleram muito o tempo de reação. Também aumentam o QI (quociente de Inteligência) rapidamente e foram a razão pela qual as faculdades saíram do seu "OTs nunca mudam".

À medida que uma pessoa é auditada torna-se mentalmente mais rápida. Também fica com um atraso de comunicação mais baixo. Além disso fica mais familiarizada com a tecnologia e com o seu próprio caso e tem menos medo de si mesmo e do seu "banco".

Ao atribuir auditores a pcs, se não prestar atenção a níveis de qualidade comparáveis entre o PC e o auditor, terá sessões falhadas.

Por conseguinte, é política não atribuir um auditor cujo grau e classe é menor do que a do pc.

Além disso, um bom auditor merece um bom auditor. Atribuir um novo aluno para auditar um auditor veterano e experiente com um excelente registro de audição é supressivo. O novo estudante ou recém-graduado será provavelmente intimidado pelo simples pensamento de auditar alguém muito mais experiente – isto amplificará os seus erros e atrasos de comunicação.

Portanto é política atribuir apenas comprovadamente bons auditores a bons auditores.

É um ato supressivo atribuir um auditor novo ou fraco a um auditor que tem comprovado que consegue atingir uniformemente bons resultados.

Auditores lentos serão bem-sucedidos a auditarem auditores lentos.

Isto não é desculpa para não exercitar os auditores lentos até serem auditores de precisão e rápidos.

Bons auditores são valiosos. Devem ser salvaguardados, favorecidos e até mesmo mimados.

Os auditores lentos devem ser exercitados e serem-lhe dados pcs lentos (novos) só até os seus próprios ganhos de caso lhes trazerem, junto com o seu treino, maior ganho de caso e, portanto, maior velocidade.

L. RON HUBBARD
Fundador